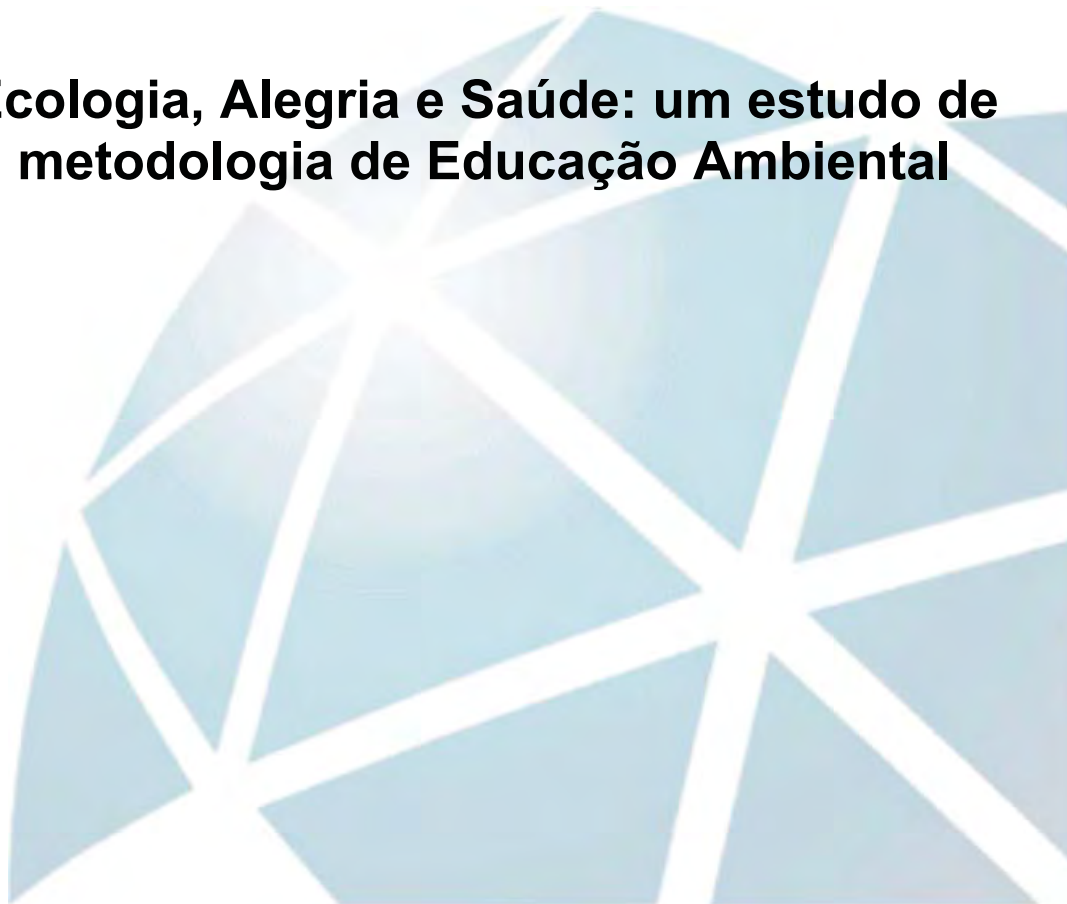

ECOLOGIA

Laura Rodrigues Alves

**Ecologia, Alegria e Saúde: um estudo de
metodologia de Educação Ambiental**



LAURA RODRIGUES ALVES

**ECOLOGIA, ALEGRIA E SAÚDE: UM ESTUDO DE METODOLOGIA
DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Orientador: Professor Doutor Romualdo Dias

Co-orientador: Luiz Gustavo Ferreira de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de
Biociências da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção
do grau de Bacharel em Ecologia.

Rio Claro

2010

372.357 Alves, Laura Rodrigues
A474e Ecologia, alegria e saúde: um estudo sobre metodologia
de Educação Ambiental / Laura Rodrigues Alves. - Rio Claro
: [s.n.], 2010
83 f. : il., fots.
Trabalho de conclusão (Ecologia) - Universidade
Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Romualdo Dias
Co-Orientador: Luiz Gustavo Ferreira de Oliveira

1. Educação ambiental. 2. Povos tradicionais. 3.
Ribeirinhos. 4. Palhaço. 5. Preservação cultural. I. Título.

“Você é extremamente responsável por aquilo que cativa” – Saint Exupéry

Dedico essa pesquisa a todos que são responsáveis por mim

Agradecimentos:

Ao PSA, aos Palhaços, à Família, à Casa, aos Amigos, às Orientações, ao Amor, à Gaivota e à Ecologia.

“Através do humor nós vemos no que parece racional, o irracional; no que parece importante, o insignificante. Ele também desperta o nosso sentido de sobrevivência e preserva a nossa saúde mental.” – **Charles Chaplin**

Sumário

PRÉ-TEXTOS DO ESTUDO	8
INTRODUÇÃO: O QUE É ECOLOGIA?	9
UMA NOVA ECOLOGIA	10
NOVA VISÃO ECOLÓGICA	13
EDUCAÇÃO AMBIENTAL	15
UMA NOVA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	18
ARTE EDUCAÇÃO AMBIENTAL	20
ECOLOGIA É SAÚDE, CULTURA E ALEGRIA?	21
PORQUÊ O PSA?	23
OS PORQUÊS	26
CAPÍTULO 1: O PROJETO SAÚDE E ALEGRIA	28
A HISTÓRIA DO PSA	29
COMO E ONDE TRABALHAM?	31
SAÚDE COMUNITÁRIA:	33
CAPÍTULO 2: MOCORONGOS	39
POVOS DA FLORESTA	39
QUEM SÃO OS RIBEIRINHOS?	40
CAPÍTULO 3: A ARTE DO NARIZ VERMELHO	44
PALHAÇOS	44
MINHA EXPERIÊNCIA CARTOGRÁFICA:	48
ECOLOGIA, A SAÚDE E A ALEGRIA	51
A ECOLOGIA DO PSA:	52
AMBIENTE É SAÚDE?	55
O CIRCO MOCORONGO:	56
O PALHAÇO RIBEIRINHO	58
PRESERVAÇÃO CULTURAL E AMBIENTAL	61
A ARTE EDUCAÇÃO DO PSA	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

Pré-textos do estudo

Primeiro o que vem antes. Coloco aqui expostos os primeiros questionamentos que cercaram este trabalho. Tudo aquilo que suscitou à reflexão e direcionou o pensamento cartográfico da pesquisa.

As primeiras perguntas feitas relacionaram-se com a própria definição da Ecologia: o quê é que abrange essa ciência? Será que assuntos não incluídos na ciência Ecologia possuem alguma conexão ou inter-relação com ela? Como aplicar os conceitos ecológicos à pesquisa científica? É possível enxergar o mundo e a sociedade humana como ecossistemas? Todas as perguntas que fervilhavam a cabeça de uma graduanda em Ecologia.

Depois, como que organicamente, vieram os questionamentos mais objetivos, relacionados à Arte, à Educação Ambiental e aos processos Ecológicos e Pedagógicos que os envolvem. Tudo que, transversalmente, atravessava a mesma graduação.

Será que o ser artista encaixa-se na ciência? Que dirá do palhaço? Para a Educação Ambiental é possível utilizar a Arte? O que faz da Arte educacionalmente revolucionária? Por quê?

Dentro da linguagem artística educativa, como insere-se o Palhaço, grande bufão da natureza? E Por quê o Palhaço? Por quê o Circo? Por quê o humor na educação? Perguntas gritadas por meu próprio nariz vermelho.

Foi somente indo ao encontro de uma instituição que agregasse todos esses questionamentos que eu iniciaria a conectá-los. O Objeto de estudo desse trabalho, o Projeto Saúde e Alegria, trabalha com saúde e educação em comunidades ribeirinhas da Amazônia. Trabalhando com eles me perguntei, será que esse trabalho é ecológico? Por quê? Em quais aspectos? O mergulho na Amazônia e nessas perguntas gerou a presente pesquisa.

Pensar o que aproximaria o palhaço dos ribeirinhos e do processos de conservação da floresta amazônica em processo duradouro foi minha fagulha inicial. Agora eu adentraria o campo da saúde e da educação dentro da Ecologia. Como?

Vamos do começo. Passeiem comigo.

Introdução: O que é Ecologia?¹

“A palavra Ecologia é derivada do grego “oikos”, que significa “casa”, e “logos”, que significa estudo. Portanto, o estudo da casa ambiental inclui todos os organismos dentro dela e todos os processos funcionais que tornam a casa habitável. Literalmente, então, Ecologia é o estudo da vida em casa, com ênfase na totalidade ou padrão de relações entre organismos e seu ambiente” (ODUM, 2007).

Se a Ecologia é a ciência designada para estudar a natureza, seus fenômenos e todos aqueles que habitam o planeta, como absorver tamanha abrangência? Como conseguir estudar minha “casa” enquanto estou dentro dela fazendo parte de todos os seus processos funcionais?

Em 1869 Ernest Haeckel empregou o termo Ecologia pela primeira vez, por compreender que as interrelações entre organismos e seu ambiente deveriam fazer parte de um estudo especializado, gerando assim uma nova ciência. Porém, se pensarmos na amplitude dessa Ecologia, que se utiliza de muitas outras ciências para sua construção, ela seria a mãe das ciências, ou aquela que abraça o conhecimento de forma integrada. Seria a casa das ciências.

Quando penso na infinidade de processos físico-químicos, biológicos, número de organismos, de culturas e de subjetividades que regem os processos naturais e humanos, não deixo de pensar na infinidade de fatores correlatos, que vão das ciências da terra às profundezas da filosofia, economia e educação. Será que a Ecologia envolve tudo isso? Envolve todo o conhecimento humano que interferiu na modelação de uma cultura não natural dentro dos ecossistemas naturais? Temos, portanto, não uma casa e um planeta, e sim uma casa dentro de uma casa: o ser humano, um habitante do planeta, fazendo reformas.

Em sua essência, a Ecologia representa o conhecimento acerca das relações entre espécies e seu ambiente. O ambiente refere-se aos fatores bióticos e abióticos que condicionam o desenvolvimento e a sobrevivência dos organismos. Mas volto a perguntar, e o homem?

A Ecologia, que busca explicar fenômenos naturais, dinâmica de populações naturais, correlações entre meio e espécies, é nada mais que uma ciência descritiva, elaborativa e, participativa, principalmente hoje, por visar a proteção ambiental. Mas todos esses elementos estão sob a visão humana de conhecimento, estão submetidos à compreensão experimental e excluem de si a participação humana intrínseca aos sistemas.

¹ Com base nos seguintes autores: Paulo Freire (2005), Leff (2001), Leff (2003), Capra (2006), Capra (2007) e Jacobi (1997)

Pois não! Que enxerguemos a Ecologia como uma ciência polimórfica, que abrange muitos aspectos dos fenômenos naturais e sociais. É fundamental para estudos ecológicos os princípios de interconexão entre sistemas e ambientes, equilíbrios da natureza, a diversidade de espécies e limites finitos de recursos naturais, vinculados à capacidade de suporte do ambiente, além da dinâmica de processos e ciclos naturais.

Assim, é partindo desses pressupostos que delineiam a Ecologia que esse estudo busca trabalhar, englobando aspectos sociais e culturais na compreensão da relação homem-natureza em populações tradicionais, tornando a ciência ecológica a base para estudos de dinâmicas das relações humanas em ambientes naturais. Tornando o homem a base do estudo, um habitante da casa, desneutralizando nosso olhar científico e englobando-nos no meio. Integrando-nos a casa para conhecer o que faz ou não dela, habitável.

Uma Nova Ecologia

Ao definir a Ecologia utilizada neste trabalho como uma ciência de olhar integrador, (sobre o mundo e seus sistemas naturais e antrópicos) damos-lhe a possibilidade de abranger as outras ciências, de correlacionar e unir conhecimentos. Damos-lhe liberdade de ser a ciência do olhar integrador sobre o planeta e suas relações. Essa visão nova de ciência nos convida a adentrarmos uma nova Ecologia. Tratem, pois, das ciências.

A produção de conhecimento científico é o que permite uma apreensão cognitiva do real, recortando a realidade à partir de diferentes perspectivas. As ciências não compreendem a realidade ou os fenômenos empíricos diretamente, mas criam modelos teóricos de compreensão humana dos mesmos. É a construção de uma teoria da realidade sobre a realidade empírica².

O homem educa-se com um conhecimento criado dentro de uma casa dinâmica, que abarca mais do que os limites da experimentação, logo a luta política pelo conhecimento não é só uma ruptura entre o homem e sua casa, é também inibidor da relação profunda entre ambos. Ao meu ver a ciência e, principalmente a Ecologia, quando neutraliza-se do meio, ou quando o cientista distância-se de seu objeto de estudo e o meio natural do social, cria-se uma representação imaginária da ciência, que isenta-se da lógica interna que a conduz, seja por meios subjetivos e culturais ou naturais, a realidade objetiva.

² (LEFF, 2007)

Quando percebemos nossa participação integral dentro da construção científica do conhecimento, entendemos a dinâmica participativa de mudar, reformar e habitar a casa. Assim, quando nos desvencilhamos dos corpos teóricos para habitar a ciência, saímos da visão cartesiana e da divisão entre mente e matéria, entre homem e ambiente, entre neutralidade e integração. Somos assim tentados a estabelecer os parâmetros possíveis de processos de produção, reprodução e transformação social, vendo a ciência como elemento modificador simbólico do meio, por meio da participação ativa.

Percebemos, portanto, a dimensão subjetiva que permeia implicitamente a prática da ciência. Numa ciência integradora, alguns dos dados a serem examinados são as próprias experiências subjetivas, a própria habitação da casa: faz-se uma ciência em primeira pessoa. Uma “ciência da consciência”, como diz Fritjof Capra (2007), é uma inserção do pesquisador no meio, e no próprio estudo. Dessa forma, nesse estudo, mergulho-me em minhas experiências, tentando envolver a abrangência ecológica das relações da casa que habito.

As ciências não habitam um vazio ideológico, tanto por sua construção à partir de ideologias teóricas e as cosmovisões do mundo como por estarem diretamente inseridas no terreno conflitivo das práticas sociais do homem que interfere em seu meio. Assim, interfiro eu, de dentro da ciência, de dentro da casa.

Todo saber, todo conhecimento sobre o mundo e sobre as coisas, é condicionado pelo contexto geográfico, ecológico e cultural em que produz e se reproduz uma formação social determinada. Tudo depende do ambiente, da estrutura social das diferentes culturas e diferentes indivíduos que o habitam e das diferentes formas de percepção, transformação e apropriação do meio. Porém, o conhecimento pode ramificar-se, perspassando diferentes ambientes e “globalizando-se”, dessa forma apropria-se de diferentes estruturas sociais e formas de percepção. Com isso, o conhecimento ramificado abarca em si diferentes ambientes, seus diferentes caminhos pela casa. O conhecimento transforma-se e molda-se à partir das próprias transformações do ambiente.

A Ecologia adentra também problemas e conflitos que transformam a casa, como a poluição e degradação do meio, a crise de recursos naturais, energéticos e de alimentos, a crise de civilização, a racionalidade econômica e tecnológica dominantes. Essa ciência, nesse trabalho, relaciona-se diretamente com esses conflitos, gerados pela crescente vontade humana de fazer do ambiente, uma propriedade privada.

O saber ambiental e ecológico participativo surge como um novo conjunto de paradigmas de conhecimento, disciplinas científicas, formações ideológicas, sistemas de valores, crenças e

conhecimentos e práticas produtivas sobre os diferentes processos e elementos – naturais e sociais - que formam, por sua vez, o ambiente, com suas relações e potencialidades.

Portanto, a mesma desagregação e “neutralização” das ciências, que promoveu a maioria dos problemas ambientais, vinculados ao avanço do paradigma social dominante, é aquilo que uma nova visão de ciência busca transformar. A ciência, que busco praticar aqui, tem por objetivo re-criar a relação do homem com seu ambiente, reduzindo a distância entre ambos, minimizando a administração científica da natureza.

É assim, visando uma renovação científica, ligada às práticas e a forma com que enxergam-se os objetos de estudo e articulando novamente os diferentes ramos do conhecimento que tomaram rumos divergentes e que convergem dentro da compreensão holística do mundo que pretendo compreender os processos da Ecologia prática.

A necessidade e possibilidade de uma articulação científica apenas justifica-se se existirem processos integradores que permitam o fluxo de criação do conhecimento. Assim, dá-se a necessidade da transdisciplinaridade, que abre portas para a integração de diferentes disciplinas e racionalidades, ajudando na própria imersão do pesquisador na pesquisa.

Essa mudança de ponto de vista – pois todo ponto de vista é a vista de um ponto - é por muitos exergada como um ambientalismo radical que situa-se em oposição ao paradigma social dominante do industrialismo moderno como alternativa necessária à sobrevivência ecológica a longo prazo. Na realidade, o paradigma social dominante não é e não será (em seus moldes atuais) uma perspectiva ambientalista, e representa uma visão tradicional e materialista da sociedade industrializada, opondo-se assim a visões ambientalistas que, por sua vez, tornam-se radicais. Ao meu ver, tornam-se revolucionárias ao quererem mexer nas próprias estruturas da base do conhecimento dessa sociedade. A perspectiva de uma Ecologia radical, representa a visão de mundo daqueles que defendem a mudança transformacional, uma Ecologia pautada na área intermediária entre a filosofia, a ciência e a prática. Essa Ecologia “renovada” representa uma modificação nos valores antropocêntricos, incluindo em si os valores biocêntricos e buscando comprometer-se inteiramente na relação homem-ambiente. Essa nova visão de ciência ambiental promove uma visão da biosfera e da sociedade humana baseada nos princípios ecológicos do holismo, do equilíbrio da natureza, da diversidade, dos limites finitos e das mudanças dinâmicas.

Em oposição à crença do paradigma social dominante, uma nova Ecologia afirma que as dimensões biológicas-físicas-sociais-subjetivas estão interligadas dentro de uma grande casa e questiona as premissas normativas e descritivas em um nível mais fundamental do que os

níveis ordinários, técnico e científico, de ecossistemas. Ela abrange o olhar e a habitação da natureza.

A integração do conhecimento postula que, na nova Ecologia existe um “igualitarismo biosférico” no qual não há níveis hierárquicos sociais ou diferenciação entre os seres e, assim o homem vê-se igualmente dono da riqueza e diversidades naturais, não tendo direito de interferir indefinidamente na natureza de forma exploratória. Dá, na mão do homem, as responsabilidades de cuidados com a casa. Essa mudança em si já restabelece um novo comportamento e conduta humanos, muito mais interativos com o meio natural e transformadores, pois incluem em si uma nova compreensão de mundo e de todos os seres. Estão, portanto, inerentes a essa mudança, necessidades de novos conceitos culturais humanos, novos valores morais e de ética em relação ao paradigma social dominante e em relação ao ambiente natural.

A natureza não é uma extensão dos homens, mas sim elemento fundamental que alicerça as civilizações humanas. Uma nova Ecologia define mudanças transformacionais na consciência humana e empodera o homem, não como dono da natureza, mas como agente de preservação da mesma, dos alicerces de sua casa. A moral e ética dessa Ecologia mostram que os homens têm uma obrigação de implementar mudanças na sociedade sem distinguirem-se como proprietários, e sim como inquilinos.

A vida não se manifesta em um único organismo ou espécie, mas em sistemas ecológicos. Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento³. E assim, percebendo-se como parte da vida e parte de um sistema ecológico, o homem não viverá em isolamento e nem deixará que suas ciências sigam o caminho da especialização sem interconexão. Conexões e relações essas que são base para os sistemas vivos da Natureza.

Nova visão ecológica

“A consciência não é uma coisa, mas um fluxo em contínua mudança, e ressaltou a natureza pessoal, contínua e altamente integrada dessa corrente da consciência”- William James

³ (CAPRA, 2002)

Uma das principais mudanças nessa nova percepção ecológica da vida é a de que todos os sistemas vivos apresentam um padrão em redes, de teias, que criam-se e recriam-se continuamente mediante as transformações do meio e das trocas dos componentes.

Dessa forma, os sistemas vivos passam por mudanças estruturais contínuas, devido a interconexão de fatores e agentes em suas teias, como se a casa estivesse regida por um processo de construção e reconstrução dinâmica. Por exemplo, na concepção unificada da vida, mente e consciência e o ser humano estão ligados, essencialmente, ao mundo social da cultural e de todas as relações interpessoais. Teias de relações conectam os sistemas vivos.

Um sistema vivo está ligado estruturalmente ao seu ambiente, ou seja, possui sua estrutura conectada ao seu ambiente, de forma que responde à mudanças estruturais do meio e é influenciado por elas, podendo até alterar seu comportamento. Ou seja, o sistemas aprendem por sua ligação com o meio. Volto a perguntar, não será isso um processo de elaboração de conhecimentos?

Isso me leva a pensar na história dos seres vivos, que representa o registro de todo seu desenvolvimento e das mudanças estruturais pelas quais passaram. Ou seja, cada mudança estrutural influencia um comportamento futuro, o que nos coloca na posição de câmbio das lógicas atuais, direcionando um novo presente-futuro com base em outra Ecologia.

A comunicação é uma coordenação de comportamentos entre organismos vivos resultantes de sua ligação estrutural. Assim, voltamos novamente para a Ecologia que estuda as interações entre organismos e, com isso sua história, desenvolvimento e seus sistemas organizacionais; sua comunicação. Para a preservação ambiental, ligada à exploração do ambiente, o entendimento dessas relações é essencial.

Ao tratarmos da Ecologia integrada e de sua linguagem, voltamos às subjetivas relações sociais e culturais que regem a participação do homem em seu meio natural, da lógica social e ecológica de suas práticas produtivas e de sua capacidade para assimilar a estas seus conhecimentos científicos. Assim, o gerenciamento da casa, a produção de valores de uso e troca não estão desvinculados dos processos ecológicos, tecnológicos e culturais.

Uma das grandes questões que permeiam as minhas inquietações ecológico-científicas é, como articular os processos e potenciais da natureza, dependentes da estrutura do ecossistema, com as leis sociais e as formas de organização cultural que regulam os processos produtivos e as condições de acesso e apropriação da natureza.

É preciso que eu perceba, dentro de uma experiência, todos os elementos aparentes e subjetivos que perspassaram nesse contexto e agregue-os como parte de uma mesma realidade processual, a construção vivente da casa.

Abrem-se assim, portas para uma nova visão científica que ajude a entender as relações culturais, políticas e suas interações com os fenômenos naturais. Desta forma, o saber ecológico pode complementar as análises de outras ciências, como da antropologia. É assim que a Ecologia articula-se aos processos de aproveitamento dos recursos produtivos da sociedade e à construção de uma racionalidade ambiental para alcançar uma habitação sustentável.

A Ecologia, como a enxergo, propõe a necessidade de internalizar um saber ambiental que inclui em si um conjunto de disciplinas (desde as ciências naturais até as sociais), para a construção de conhecimentos não neutralizados e sim participativos, capazes de captar a multicausalidade e as relações de interdependência dos processos de ordem natural e social que determinam as mudanças socioambientais.

A Ecologia como ciência possui linguagens, comunicações; maneiras de aparecer ao mundo. Pois, se falamos de uma ciência experimental do ponto de vista da habitação do pesquisador em suas experiências e em sua casa, tratamos de uma interrelação entre homem e ambiente, pesquisador e pesquisa; comunicação entre habitantes.

A Ecologia, dentre suas expansões possui a Educação Ambiental como ramo pedagógico, na qual desenvolve seus conceitos de forma assimilável à comunidade da casa. É sua forma de relacionar-se diretamente com crianças, adultos e do pesquisador relacionar-se com eles.

Educação ambiental

“O homem deve examinar-se a si próprio, seus objetivos e valores. O ponto essencial da questão não é somente a sobrevivência da espécie humana, porém, ainda mais, a sua possibilidade de sobreviver sem cair em um estado inútil de existência” - (Clube de Roma, 1968).

Uma grande ferramenta da Ecologia é seu potencial pedagógico, no qual a apreensão do conhecimento sobre os sistemas vivos, fenômenos naturais e as interrelações entre os sistemas, podem constituir um campo do conhecimento a ser transmitido. À essa proposta pedagógica dá-se o nome de Educação Ambiental.

Se imbuído de novas propostas, vinculadas às transformações científicas e da consciência que tratamos anteriormente, esse processo educacional pode ser, por sua vez, revolucionário.

A origem da Educação Ambiental remete às primeiras preocupações ambientais do século XX, quando os problemas ambientais derivados da atividade exploratória do ambiente tornaram-se evidentes. A casa passava a ser explorada por um de seus habitantes de forma

predatória. As décadas de 60 e 70 são marcos no início de uma consciência global de atenção à problemática ambiental que resultaram em propostas de ação e educação.

Em seu início, a educação ambiental era uma forma de abranger questões de importância internacional em ações regionais. Aos poucos formou-se a idéia de uma educação formal e não-formal, de caráter interdisciplinar direcionada às crianças e jovens. De acordo com Reigota (1998), seus principais objetivos são: a conscientização, geração de conhecimento, atitudes, habilidades, capacidade de avaliação e participação.

Com a Rio-92 que firmou-se o tratado de Educação Ambiental para Sociedade Sustentáveis e Responsabilidade Global, reconheceu-se a educação ambiental como direito básico do ser humano, conceituando uma educação transformadora, que coloca nas mãos das populações as responsabilidades coletivas e individuais no cuidado com o meio ambiente. Para isso, a educação ambiental objetiva contribuir para a construção de sociedades sustentáveis, socialmente justas e ecologicamente equilibradas, gerando mudanças na qualidade de vida e maior consciência de conduta pessoal, assim como harmonia entre os seres humanos e destes com outras formas de vida. Deu para resgatar todo o turbilhão de mudanças do qual falávamos antes?

A Educação ambiental recoloca os indivíduos dentro de seu meio, retoma as responsabilidades coletivas e individuais dentro da casa; interioriza-nos, além de transmitir conhecimentos ecológicos aos educandos. E, não por fim, nos traz a possibilidade de, via ação, construirmos mudanças. Estamos chegando perto.

A visão do meio ambiente e dos recursos naturais como bens coletivos da humanidade, aproximam essa proposta de educação do pensamento ambiental, ou ecológico tratado anteriormente. Nos remete à redefinição das relações entre sociedade e natureza, uma mudança substancial e estrutural de nossas relações dentro do Ekos.

Desde sua origem, a educação ambiental ganha destaque como processo de aprendizado social, principalmente por sua abrangência e diálogo interativo com muitos conceitos, ciências e visões políticas. É uma modo de ensinar a transformação social. A educação ambiental, ajuda na construção de visão crítica por confrontar os paradigmas dominantes, reforça novas práticas socioambientais e promove revalorizações éticas, assim como faz uma nova visão de ciência.

Porém, apenas munida de auto-consciência de seu caráter revolucionário ela pode atingir todo seu potencial, querendo, de fato, abalar as estruturas dessa casa humana dentro do casarão natural. Assim, cabe aos pesquisadores, governos, escolas e outros, habitarem uma nova forma de habitar e ensinar, de sensibilizar e de disseminar informação.

A união da sensibilização ambiental com o papel governamental e social na educação ambiental fazem parte da interação entre sociedade e natureza, e constituem ação política da Ecologia. As classes sociais, as relações de poder e o confronto de idéias e posições são componentes do cenário em que se estabelecem as lutas ambientais, o que torna a temática ambiental essencialmente política.⁴

Esses elementos caracterizam um movimento ambiental transformador e, para tanto, são necessários sujeitos capazes de articular educação com meio ambiente dentro de uma perspectiva crítica, baseada em atuações ecológicas criativas, criação de práticas emancipatórias, e justiça ambiental e social. Esses sujeito-atores devem possuir potencial de participação e intervenção garantindo acesso à informação a população ainda inativa.

Desafios para a real educação ambiental envolvem ainda a resolução de algumas contradições vinculadas à visão mecanicista. É preciso, primeiramente criar educadores críticos que possam enfrentar uma multiplicidade de visões, articulando a vida com os processos cognitivos. Inegável é a necessidade de visualizar a educação ambiental como um veículo de transformação social e não banalizá-la apenas perpetuando o padrão social atual. Outro grande desafio é a superação da estrutura disciplinar da educação formal, dando espaço à transdisciplinaridade. E por fim, visualizar as dimensões sócio-políticas para melhoria das desigualdades exploratórias sociais e ambientais.

Volto a ressaltar que não é suficiente reunirmos disciplinas, é preciso exercer sua integração. O mesmo é válido para a nova visão de ciência, é preciso confrontar os saberes, vivenciá-los. Assim como em nossa casa.

É preciso partir do pressuposto de que existe uma realidade socioambiental complexa que necessita de visões capazes de absorver as multicasualidades da mesma, dando ênfase a interrelações entre processos ambientais e sociais e, dessa forma promover mudanças nessa realidade. Essa visão está vinculada aos desafios éticos e políticos da educação ambiental transformadora, que assume a responsabilidade de construir um pensamento ambiental, fortalecendo a democracia e a cidadania; empoderando indivíduos como sujeitos de transformação. Assim, educadores e educandos vêm-se atrelados a um compromisso com uma visão crítica, renovação de valores e construção de uma nova sociedade de maior relação com a natureza. Nesse contexto, a educação ambiental aponta para a necessidade de elaboração de propostas pedagógicas centradas na conscientização, mudança de atitude e

⁴ (JACOBI, 2005).

práticas sociais, desenvolvimento de conhecimentos, capacidade de avaliação e participação dos educandos⁵.

Uma nova Educação Ambiental

"Uma educação política fundamentada numa filosofia política da ciência da educação antitotalitária, pacifista e mesmo utópica, no sentido de exigir e chegar aos princípios básicos de justiça social, buscando uma "nova aliança" com a natureza através de práticas pedagógicas dialógicas (Tozoni-Reis apud Reigota, 1995, p.61).

Assim como fundamentamos a Ecologia como ciência, assim fundamentamos a essência da pedagogia da educação ambiental. E, assim como a primeira, a segunda ainda exige mudanças estruturais que lhe permitam uma atuação concreta e revolucionária, que está ainda impossibilitada pela visão científica e paradigma social dominante atual.

Se a educação ambiental é nossa proposta de aprendizado para uma convivência harmoniosa em nossa casa, ela deve enxergar com novos olhos, olhares transformados e transformadores.

Muitos autores que colocaram essas questões dentro de si mesmos para uma análise profunda, consideram que apenas uma articulação ético-política pode ajudar na construção coletiva de uma nova maneira de viver no planeta. Guatarray, nos traz um novo conceito de Ecologia, que propõe a concepção de três dimensões ecológicas: a natural, a subjetiva e a social. Novamente nos levando a pensar em integração de conhecimentos e da interrelação entre os elementos que regem a biosfera.

Dessa forma, uma nova educação ambiental, por incorporar uma visão integradora, que percebe as interrelações entre os sistemas naturais e os sociais, é uma pedagogia ecológica. Para ocorrerem reais mudanças paradigmáticas na educação ambiental podemos considerar que, além de uma mudança paradigmática, deve ocorrer uma mudança de percepção e de valores, uma reconstrução contínua de interpretações e vivências no mundo.

Concluimos que devem ser criadas novas práticas pedagógicas que proponham mudanças de hábitos e práticas sociais, novas habilidades; estimulando a criação de novas transformações nas relações socioambientais. Essa educação é também atribuída à formação de sujeitos críticos; cidadãos, ou seja, uma educação para a cidadania. Digo nova por se tratar de uma mudança na estrutura da educação formal vista hoje, moldada pelos paradigmas dominantes, porém sei já ser vivida por muitos, sendo também antiga.

⁵ (Jacobi, 2005).

As novas práticas devem basear-se na solidariedade, respeito à diferença e às qualidades do meio ambiente local, sendo interativas e estimulantes da capacidade individual e coletiva de exercer direitos e responsabilidades. Os cidadãos, educados por uma nova educação ambiental devem ser sensibilizados das questões atuais de forma integrada e participativa, visando a conservação ambiental e reestruturação das desigualdades sociais.

Ressaltando que uma nova educação ambiental deve ser realmente articulada com a problemática ambiental e como processo pedagógico de olhar abrangente e integrador, relacionado-se estruturalmente com a formação de sujeitos cidadãos críticos, e que essa esteja preocupada com as questões ecológicas que a sociedade enfrenta e tenha a proposta de novas formas de relacionamento social, o processo de educação ambiental deve ser sensibilizador e estimulante acima de tudo, valorizando igualdades e diversidades, analisando as complexas relações entre meio ambiente e sociedade. Isto requer um pensamento crítico da educação ambiental, e, portanto, a definição de um posicionamento ético-político.

Volto a dizer que uma nova visão sobre a relação sociedade-natureza implica em perceber a conexão entre diversos fatores que agravam as questões ambientais. Por exemplo, desigualdade social e desenvolvimento econômico estão estreitamente ligados com grandes impactos ambientais. Logo, a educação ambiental deve ampliar o olhar para macro relações e atuar em todos os âmbitos econômicos, políticos e sociais. Porém, dentro de micro relações as ações de educação ambiental devem ser instrutivas e horizontais, estimulando comportamentos coletivos e solidários.

Logo, na nova visão da educação ambiental, o conhecimento do saber ambiental deve tornar-se acessível e atuar na problemática social em processo educativo transformador, superando as contradições de nossa sociedade atual. Esse processo é o que Paulo Freire chama de processo libertador. A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se.⁶

Freire, um homem da casa, vai além, caracterizando o processo educativo revolucionário como aquele que visa a independência dos indivíduos, que não seja exploratório por deixar seus educandos na posição de dependência. A educação ambiental deve ocupar-se, portanto, da subjetividade humana e basear-se na libertação dos homens. E, dessa forma pode certamente trabalhar as relações entre indivíduo sociedade e indivíduo natureza, em visão integradora. Onde a valorização do eu como agente transformador de seu meio é uma meta.

⁶ (Freire, 2005, p.38).

A Educação ambiental possui objetivos e ideologias, propostas e respostas, porém sua linguagem não é definida, pois a linguagem do ambiente é a língua das pessoas. Dessa forma, ela é própria de cada região e dos próprios dizeres de um lugar. A linguagem da educação ambiental que visa transformar deve ser mais do que coerente, ela deve ser atraente, afinal estamos falando de assumir um compromisso com uma mudança estrutural de sujeitos que, por sua vez, transformarão a sociedade, e isso exige esforço. Contudo, não é difícil compreender que a linguagem, quando conectada com a sensibilidade dos educandos se faz ouvida. Portanto, é evidente a importância da escolha da linguagem e da forma, além da responsabilidade com o conteúdo (rigidez conceitual), que a educação ambiental solicita. É por essa razão que apresentarei uma linguagem muito assimilável, que nos é cara e conhecida. Uma linguagem que relaciona-se diretamente com os pressupostos da educação ambiental e é enorme estimulante social. Essa linguagem é a arte.

Agora, no contexto da nova educação ambiental, podemos nos encontrar com a Arte.

Arte Educação Ambiental

A Arte é vista como expressão da essência humana. Faz parte do imaginário, do lazer, da comunicação e da criação cultural humana. Porém, a arte não encontra-se como linguagem dominante estabelecida dentro da educação formal. Muitas vezes encontrada como disciplina escolar ou atividade extra curricular, a arte não é essencialmente estimulada na educação. A arte educação ambiental vem ao resgate da linguagem artística como inovadora e renovadora da linguagem pedagógica convencional. Ela vem para colorir e alegrar a casa.

A arte entra como estímulo que, além de atrair os indivíduos, interfere com caráter sensibilizador da subjetividade humana. Por meio da arte podem desenvolver-se diversos potenciais intelectuais que estão reprimidos no comportamento social. Dessa forma, acredito que a chave para uma educação viva e estimulante é a libertação da expressão da essência humana, das múltiplas linguagens. Os habitantes da casa, quando integrados e expressando-se, relacionam-se diretamente com a vida, concedendo-lhe significado.

No universo da educação não-formal, a arte apresenta-se como um dos modos de assimilação do mundo, um jeito de viver, conhecer e desvendar o conhecimento, por meio da sensibilidade e da estética; dimensões do desenvolvimento humano de grande importância para a plenitude da vida, e nem sempre presentes na realidade da população.

A arte tem papel efetivo na construção do indivíduo, pois possibilita o desenvolvimento do olhar e da vivência que é capaz de perceber as pluralidades de tudo o que o cerca e o envolve, contribuindo para que o mesmo possa se conhecer e perceber-se, para depois perceber o outro e transformar suas relações. Ao refletirmos sobre o processo de formação, reconheço a arte vivência para desbloquear potencialidades criadoras e latentes, um senso mais humano de experienciar as relações.

Como utilizar a arte? Essa é uma questão simples. A arte, adequada com seu contexto é orgânica, é aquilo que os indivíduos produzem em sua expressão mais pura, sejam músicas, artesanatos, poesias, ou formas de entretenimento coletivas. A arte está em qualquer atividade. É possível considerar como linguagem artística toda expressão subjetiva produzida pelos seres humanos.

O cinema, o teatro, a música, as artes plásticas, e a dança ampliam o repertório cultural e podem estar vinculadas a discussões de temas importantes de cunho político, social e ambiental. Utiliza-se a arte na escola, na discussão de filmes, em peças de teatro. E a educação ambiental pode munir-se da arte-vivência em seu processo pedagógico, garantindo experiências estéticas que transformam o olhar, ampliam a sensibilidade e a compreensão de mundo, valorizando o eu individual e coletivo. A arte auxilia no descobrimento das nossas próprias individualidades, ela ajuda a liberar o nosso corpo.

O Palhaço é uma das figuras que mais exageram o ser humano, pois o palhaço desumaniza-se, transforma-se em personagem. O palhaço é a arte incorporada no ser humano. É a corporificação de um corpo livre e integrado com o que lhe é mais humano, é a arte-vida. A integração da qual até agora eu falava. Assim, o palhaço pode ser também sujeito da nova educação ambiental, utilizando a arte no processo pedagógico. O palhaço professor é o que Paulo Freire chamaria de vida na arte, o educador artista. Existem experiências que unem a arte do palhaço com a educação, no que acabamos de conceituar, a arte educação.

Chegamos, portanto, ao conteúdo dessa pesquisa que buscará unir a Ecologia em uma visão integradora sobre um trabalho social realizado na Amazônia brasileira, que se utiliza da arte educação como linguagem pedagógica de atuação. Assim, nos encontramos com a possibilidade de colocar em prática uma nova ciência.

Ecologia é saúde, cultura e alegria?

Voltamos ao princípio de tudo, o que é Ecologia?

A Ecologia é o estudo do ambiente e de suas relações, é uma visão que conecta os seres vivos em sistemas que interagem entre si. Uma visão ecológica social admite as sociedades como sistemas que também interagem intrínsecamente com seu ambiente.

O ambiente está vinculado com nossa sobrevivência e com nossa qualidade de vida. Estamos conectados com o ambiente, à partir do pressuposto que, sua destruição acarreta na nossa, conseqüentemente. Dessa forma, a preservação e equilíbrio ambiental estão interligados.

Quando consideramos que a Ecologia é o estudo da casa, poderíamos subdividir essa casa em muitas outras: da casa planeta terra à casa corpo. O corpo humano é a casa de um indivíduo, no qual cabem suas memórias, atividades e relações sociais. O corpo possui processos internos próprios, como um ecossistema, podendo, portanto, sofrer desequilíbrios. Problemas no organismo mexem com a saúde do indivíduo e suas causas são diversas: doenças, infecções, acidentes, estresse e etc. Logo, o meio natural é incluído nos fatores agravantes dos problemas de saúde. Dessa forma a visão ecológica deve visar não só a saúde do ambiente (sua preservação) como também a saúde dos indivíduos que nele sobrevivem.

A Ecologia, nesse contexto, deve abranger os agravantes sociais que destroem a qualidade de vida dos sujeitos e do seu ambiente, visando potencializar o equilíbrio das relações. Isso implica em redução da desigualdade, da fome, da poluição, do desmatamento, das doenças, enfim todas as relações ambientalmente não saudáveis.

A conservação é o processo de manter o ambiente saudável, perpetuando as mudanças positivas do ambiente e anulando as prejudiciais. Assim, a preservação mantém-se pactuada com o conceito ecológico de coevolução. Logo, trata-se de cuidar da Saúde do ambiente natural. A Ecologia que relaciona o meio com os integrantes do mesmo, tratam, portanto, da saúde dos indivíduos.

A Ecologia que não difere homem de animal, assim como não divide cultura do meio e Ecologia de economia, não conseguiria atuar de mãos dadas com a ciência clássica por não visualizar fenômenos separadamente. A Ecologia visa todas as conexões entre elementos do meio e elementos internos do sujeito. Leva em consideração problemas físicos como resultado da interação físico-químicas com a mente e o meio no qual o indivíduo está inserido. Considera também a saúde do meio como essencial a do indivíduo e vice versa.

Pela definição do dicionário Michaelis de 2009,

Saúde:

sf (lat salute) **1** Bom estado do organismo, cujas funções fisiológicas se vão fazendo regularmente e sem estorvos de qualquer espécie. **2** Qualidade do que é sadio ou são. **3** Vigor. **4** Força, robustez. **5** Disposição física, estado das funções orgânicas do

indivíduo. **6** Disposição ou estado moral do indivíduo. **7** Bem-estar físico, econômico, psíquico e social (conceito moderno). **8** Brinde ou saudação que se faz bebendo à saúde de alguém. S. intercadente: a que apresenta alternativas de melhor ou pior. S. pública: arte e ciência que trata da proteção e melhoramento da saúde da comunidade, pelo esforço organizado dos poderes públicos e que inclui a Medicina preventiva e diversas formas de assistência social. (MICHAELIS, 2009).

Essa definição nos traz algo muito interessante: a saúde como “arte e ciência que trata da proteção e melhoramento da saúde da comunidade, pelo esforço organizado”. Está aí o ponto de partida. Essa pesquisa buscou observar de que forma a arte e a ciência médica podem ajudar no melhoramento da saúde de uma comunidade. Queremos colocar uma perpeção ecológica em atividades de relação do homem com o meio, com seu corpo, com o outro e com a casa.

E como a alegria se relaciona com a saúde? Será que a felicidade influi no potencial transformador de um indivíduo? Se pensarmos em desenvolvimento, pensamos em melhorias que nos fazem felizes, e não tristes. Logo, a qualidade de vida está relacionada com a alegria! Lembra-se quando falamos em valorização do eu e a arte como modo de vida transformador? Essas são as chaves desse trabalho: a relação entre a arte, a educação ambiental, a saúde e a Ecologia, visando a preservação cultural e ambiental.

Essa pesquisa elegeu uma ONG brasileira que pratica atividades educativas e atendimento médico para comunidades ribeirinhas no estado do Pará, região amazônica. O Projeto “Saúde e Alegria” (PSA) é um esforço de transformação para os ribeirinhos e seu trabalho de arte educação de saúde merece atenção em seu caráter ecológico. Essa atuação é inovadora, pois reúne em si a valorização da cultura ribeirinha, que possui um enorme vínculo com o meio ambiente, melhorando sua qualidade de vida com educação e assistência. Essa ação é processual e possui um passado, uma história e um estabelecimento que inclui então conhecimentos ecológicos, filosóficos e sociológicos. Esse estudo de caso verifica a correlação entre Ecologia, saúde e alegria.

Porquê o PSA?

A escolha do trabalho dessa ONG e não de qualquer outra, está justamente na possibilidade de enxergá-la dentro da visão integrada da Ecologia que percebo e lhes contei até agora. Me permite analisá-la e vivenciá-la com olhares ecológicos. Isso se dá pela transdisciplinaridade com a qual o PSA trabalha: aspectos sociais, econômicos, de saúde e de Ecologia.

Essa visão integradora de como atuar em uma comunidade tradicional com o objetivo de melhorar sua qualidade de vida e sua atuação no ambiente é um raciocínio ecológico no qual se dá extrema importância a cada elo do processo: da saúde individual à saúde coletiva.

Enxergo a atuação do PSA como um manejo ecológico de populações. Um estudo de seus recursos e potenciais sociais e ambientais que categorizam a base para sua gestão e restauração. A visão do ambiente e da saúde implícitas no PSA é ecológica no raciocínio em redes, em teias.

O PSA movimenta a articulação de grupos, de artistas, de agentes comunitários de saúde e de monitores mirins. Ele integra lazer, saúde e economia em bens comuns do coletivo, da comunidade. É clara a conexão entre todos os elementos para um desenvolvimento integrado daquelas comunidades.

A ONG despreendeu-se da especialização e do olhar focado a um problema e expandiu-se para todos os setores e elementos que compõe a paisagem dos ribeirinhos. Desenhando um mapa de conexões para efetivar projetos transformadores.

O contato afetivo direto, via arte e aproximação dos agentes do PSA e dos comunitários faz parte também do raciocínio transformador. O agente não se coloca como superior e invasivo e sim como parceiro e motivador, admirador da cultura na qual pretende atuar. Isso, é claro, tornando desnecessárias imposições culturais e conflitos; embates de cultura. O PSA insere-se como participante da cultura ribeirinha e esta reconhece-se no projeto em vez de modificar-se para atendê-lo.

Sabemos que populações que vivem à margem de nossa sociedade ou do alcance de informação, vêm-se prejudicadas e alienadas politicamente. Esses são casos que pedem por alguma intervenção pacífica e motivadora que contribua para o fortalecimento cidadão dessas populações, evidenciando sua importância cultural. É preciso garantir-lhes uma educação que proporcione sua formação como sujeito histórico e consciente de que a história é resultado de ações humanas e que a trama histórica está localizada no embate das relações sociais.

É necessário romper a relação de dependência com a visão mecanicista, com bem previa Paulo Freire, retirando a condição de permanência das estruturas de nossa casa, levando-nos a perceber as possibilidades de transformar e habitar o meio.

Dessa forma, foi eleito esse estudo, do Saúde e Alegria, como ponto de partida para entendermos atuações de visão integradora, objetivando analisar as relações entre os processos educacionais e processos de subjetivação na experiência de educação ambiental realizada pela ONG.

Busco identificar os princípios éticos que permeiam essas atividades, relacionando-as diretamente com uma experiência profunda do pesquisador na pesquisa. Dessa forma, a identificação dos propósitos embutidos nas escolhas estéticas das práticas educacionais é um grande objetivo dessa pesquisa.

Quero, não só proporcionar um novo modo de estimular uma nova criação científica, porém também aliá-la à práticas já evidentes no contexto atual da educação ambiental, visando a compreensão subjetiva e filosófica dessas práticas, para promover melhorias em sua atuação e sua sobrevivência..

Assim, apresento-lhes não só meus objetivos, mas meus propósitos enquanto pesquisadora. Esse trabalho visa recolher informações de práticas já existentes para disseminar conhecimento assimilável à população. Acredito que a pesquisa científica não é mero esforço mental e sim social, de compreensão e entendimento do mundo para renovação e ampliação do conhecimento e, portanto, deve ser estendido à toda sociedade

O método escolhido não é casual e sim uma tentativa de reconfigurar a ciência, aproximando pesquisa e prática de forma sensível e retirando o pesquisador de sua neutralidade. A cartografia permite ao pesquisador a criação de leituras processuais para a elaboração de novas práticas, estimulando a pesquisa de interpretação e análise. Desenvolver novos métodos implica também rever conceitos e paradigmas científicos já estabelecidos, buscando contestá-los da melhor forma possível: delineando novas oportunidades na busca de conhecimento. É trazer a teoria da transdisciplinaridade e das revoluções para dentro do meio acadêmico.

Percebe-se, portanto, a importância e relevância de trabalhos como esse, realizados pelo PSA em uma região tão importante como a Amazônia brasileira, palco de processos de desmatamento, perda de biodiversidade, grilagem e perda de comunidades tradicionais como indígenas, caboclos e ribeirinhos. Experiências como essas podem ser avaliadas para ampliação e melhoria do atendimento, possivelmente servindo de exemplo para outros projetos com o mesmo intuito: atender comunidades em seus direitos básicos de saúde e educação, porém dando ênfase na defesa da Amazônia e de sua cultura tradicional.

Portanto, bem-vindos à minha casa de pesquisa, que desenvolve a correlação entre linguagem, saber e transfiguração do conhecimento dentro dos caminhos da Ecologia. A mesma casa que foi habitada pela Amazônia, pelos ribeirinhos e pela educação. A mesma casa habitada por uma científica palhaça.

Os Porquês

Atuar diretamente com as comunidades ribeirinhas por linguagem lúdica é aproximar vivência e educação, promovendo mudanças internas na própria relação da comunidade com sua cultura, modo de vida e meio ambiente. Portanto, estudar experiências no campo da educação é aprimorar técnicas que tragam novos olhares para a cultura tradicional, para a educação formal e fortalecimento social. Acredito que a Ecologia envolvida no Projeto “Saúde e Alegria” está em cuidar primeiramente das pessoas, ampliando o conhecimento para a comunidade e, conseqüentemente, para o ambiente. Fortalecer relações culturais e saber tradicional com informação sobre como lidar com a água, com o lixo e com a higiene fazem parte do processo de cuidar do ambiente. Tudo isso faz parte do gesto de preservar.

“Saúde e Alegria” é uma das iniciativas possíveis para integrar Homem e Natureza em visões novas de relação entre pessoas, e o uso da transdisciplinariedade é o que interessa nesse trabalho. Entender como se dá a criação do pensamento coletivo e ecológico e por quais razões a arte é uma forma de efetuar as soluções de pensamentos teóricos. A ação artística, a criação de material pedagógico lúdico e as apresentações circenses estão presentes na comunidade e, uma vez assimiladas, passam à ação. Nesta prática específica de educação ambiental há sinais de uma articulação entre processos educacionais e processos de subjetivação, já que estamos cuidando do indivíduo para que ele possa cuidar também do meio. Com o desenvolvimento deste trabalho passam a valorizar sua cultura local e o ambiente que depende deles para sua preservação e que eles necessitam para sua sobrevivência.

Trabalhar com o fortalecimento dos “Povos da Floresta” é elevar a Ecologia ao povo brasileiro que vive na região amazônica. De certa forma é ensinar a preservação de dentro para fora: da saúde do corpo para saúde da alma.

Entender a atuação e cartografar ações arte-educativas vinculadas à Ecologia é disseminar experiências efetivas que atuem na mudança de consciência necessária para criação de uma nova visão ecológica integrada. Portanto, este estudo se justifica como uma pesquisa que identifica elementos disruptivos situados nesta fronteira entre os processos de subjetivação e o processos educacionais.

Trabalhos interpretativos fornecem base para releitura de situações, eventos e processos dando uma dimensão atual e subjetiva para desenvolvimento de ações.

Entender ações sociais e frentes de atuações por instituições não governamentais é buscar entender os processos construídos pela população.

Ribeirinhos possuem cultura única e que sofre com a homogeneização cultural do neoliberalismo, com a perda de território e por falta de planejamento socio-econômico. Logo necessitam apoio de resistência, preservação cultural e incentivo econômico.

A Amazônia é cenário dos principais problemas ambientais do Brasil. Dados estatísticos de desmatamento, pecuária, agronegócio, brigas latifundiárias, reservas indígenas, tráfico de animais etc etc etc.. Cartografar experiências que participam de movimento conservacionista ou ambiental na Amazônia pode fornecer informações preciosas para melhoria das metodologias e abordagens utilizadas gerando possibilidade de multiplicação do saber.

Leituras de subjetividade ajudam na interpretação dos elementos que caracterizam as relações sociais atuais.

Entender a arte e seu papel na educação e na mudança de paradigma proposta pela Ecologia profunda é acrescentar informações à nova vertente científica, de visão integradora.

Aprofundar a linguagem do palhaço para essa importante função, de mudança de paradigma, fundamentando a importância dessa personagem na relação pedagógica para qualquer assunto.

Relações culturais tendem a ser invasivas ou conflituosas – história e sociologia- porém existem linguagens capazes de amenizar o conflito, abrindo espaço íntimo de contato entre diferentes visões de mundo. O processo educativo consiste basicamente na sedução, livre de medo, anseio ou condições estritas, do conhecimento.

Assim o palhaço como linguagem universal deve ser reconhecido e pesquisado dentro dos moldes científicos, como agente pedagógico. Esse trabalho dialoga com imagens referências para processos pedagógicos.

Capítulo 1: O Projeto Saúde e Alegria

“Ensinar é, de repente, aprender” – João Guimarães Rosa



Saúde e Alegria: malabares ecológicos

Esse é o capítulo de encontro com nossos educadores, de introdução mais íntima e aprofundada com aqueles personagens que encontrei em Santarém. São eles palhaços, mocosongos, professores, pensadores, cidadãos, médicos e artistas.

Nossa história começa antes mesmo de meu contato com eles, na formação e construção do que hoje conhece-se por Projeto Saúde e Alegria, um dos maiores projetos atuantes na Amazônia.

A Organização Não-Governamental “Projeto Saúde e Alegria” (PSA), possui um histórico amplo de atuação pelos rios Amazônicos, já podendo ser considerada parte integrante do desenvolvimento social e ambiental da região durante mais de 30 anos.

Sua experiência no trabalho com comunidades ribeirinhas chama atenção, principalmente, pelos aspectos diferenciados de suas metodologias e linguagens. O PSA *chega* até as comunidades, logo, é uma instituição de contato direto com seus beneficiários e em segundo, ele se apresenta com a cara pintada: utilizam a linguagem do circo e do palhaço para abordarem os ribeirinhos.

O principal objetivo do Projeto que, inicialmente, era levar atendimento médico de qualidade e constância até comunidades tradicionais na região amazônica, ampliou-se e transfigurou-se para garantir a sobrevivência cultural e a saúde dos povos da Floresta.

A ONG promove o atendimento médico constante para comunidades ribeirinhas, assim como fornece remédios gratuitos e atendimento extras, como palestras, oficinas de educação e suporte à ações políticas e sociais na região.

Com o método voltado à educação e fortalecimento de comunidades ribeirinhas e de sua cultura, o PSA desenvolve seus projetos sempre incluindo-as como agentes principais na criação da mudança. O processo educacional de prevenção à doenças e hábitos de higiene são criados em *conjunto* com os ribeirinhos, enquanto o atendimento médico fica por conta dos profissionais de saúde, que estimulam o conhecimento da medicina tradicional.

A História do PSA

Um médico paulista, ao trabalhar na Amazônia na década de 80, deparou-se com um conflito entre uma cultura tradicional incrível e problemas sanitários e ambientais complexos. Encontrou um povo vivendo juntamente à natureza na beiras dos enormes rios amazônicos, porém problemas urbanos já começavam a atingir as remotas áreas com poluição, doenças e precariedade.

Eugênio Scannavino, um dos fundadores do PSA, percebeu a necessidade de atender essas pessoas e trabalhar juntamente a elas para superação de problemas básicos de saúde, seus problemas políticos e sociais. Relacionou os principais problemas de saúde com mudanças simples de conduta que preveniriam tais ocorrências.

A diarreia, contaminação e infecções eram culpados por mortes e sofrimento nas comunidades, porém basicamente pela sua falta de saneamento básico e tratamento de água. A relação principal dos ribeirinhos com as doenças era a falta de estrutura sanitária, necessária com a contaminação das águas e mudanças ambientais causadas pela intervenção urbana. Apesar de distantes geograficamente, a região de ocupação das comunidades ribeirinhas é conectada com grandes centros urbanos importantes da região norte, como Santarém, um dos grandes portos brasileiros.

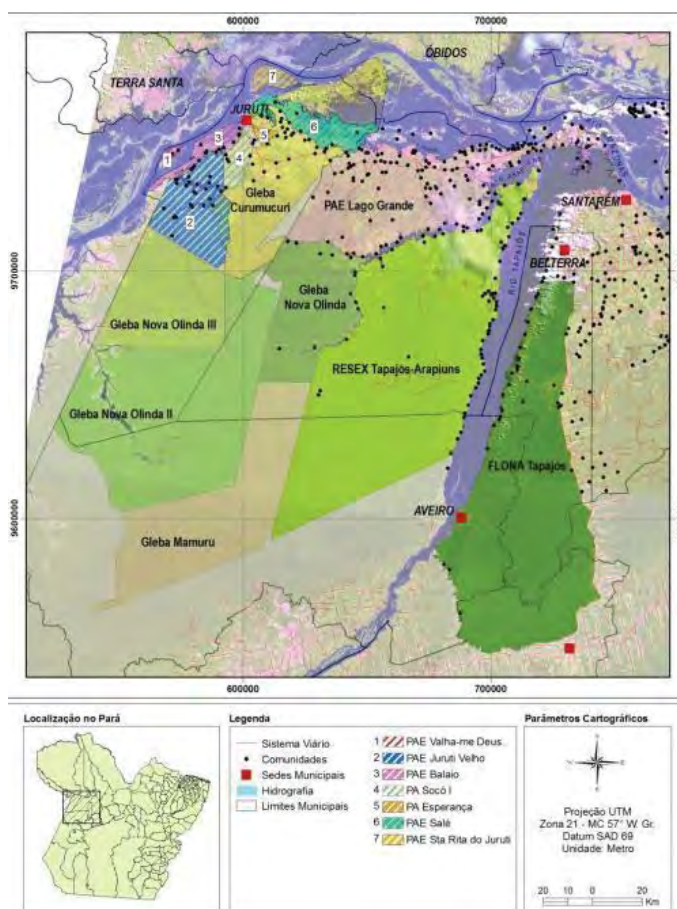
Criada em 1987 pela dupla de irmãos Scannavino, Eugênio e Caetano, o PSA logo estabeleceu-se na cidade de Santarém com o intuito simples e coerente de levar informação às comunidades ribeirinhas, a fim de melhorar sua qualidade de vida e incentivar sua perpetuação como comunidades tradicionais. O PSA criou estrutura para impedir que por problemas banais e de fácil solução, os ribeirinhos deixassem a floresta e a trocassem pela cidade grande.

Só que desde o início partiram para a inovação metodológica: tornaram-se médicos da floresta, mas mais do que isso, tornaram-se médicos palhaços.

O circo foi escolhido pelo projeto como forma de cativar os ribeirinhos. Afinal, era um grupo de estranhos que adentravam a floresta e tinham muito a dizer. Optaram por falar pouco e expressar-se mais. Chegavam com vestimentas estapafúrdias e exageradas aos ribeirinhos de pés descalços e faziam graça. Ganhavam risadas.

O Circo do PSA e dos ribeirinhos, transformou-se no Circo Mocarongo, onde carismáticos palhaços faziam rir e ensinavam. Ensinavam em uma dentadura gigante que escovar os dentes era importante, faziam música sobre a importância do cloro na água e criavam um circo errante que viajava pelo rio.

O Circo Mocarongo surgiu da expressão “Mocarongo” que designa os verdadeiros paraenses. E, se o circo é composto pelos ribeirinhos, quem mais Mocarongo? O circo virou símbolo de união entre o PSA e as comunidades, o resultado da atuação educativa em 150 localidades beneficiando aproximadamente 30 mil pessoas. Ou seja, o vínculo palhaços-ribeirinhos, foi um sucesso.



Mapa de atuação do Projeto Saúde e Alegria no estado do Pará (fonte: site do PSA)

O PSA uniu a chegada de informação e ferramentas educacionais e de saúde com atenção, carinho, afeto e Arte, trazendo melhorias ambientais e de maior qualidade de vida para comunidades extrativistas dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, localizados na zona rural dos municípios de Santarém, Belterra e Aveiro. Conseguiu voltar a atenção para o Estado do Pará, que hoje em parceria com prefeituras, atua na construção de unidades de saúde e escolas nas comunidades.

Como e onde trabalham?

O PSA atua nas comunidades ribeirinhas em um processo único e contínuo de melhoria da qualidade de saúde e de vida, sob o pretexto da alegria. O Lema da ONG, “Saúde é a alegria do copo. Alegria é a saúde da Alma”, foi construído como direcionador do projeto. A Atuação, portanto, é sempre conjunta: a alegria E a saúde das comunidades ribeirinhas.

Embora seja um objetivo único, o trabalho é realizado em frentes de atuação. Diferentes trabalhos e diálogos com as comunidades, tratam de temas diferentes, trazendo resultados para temas específicos, unidos em um projeto integrado. Por exemplo, o grupo de doutores realiza o atendimento médico propriamente dito, enquanto um grupo de arte-educadores realiza palestras, atividades e desenvolve o circo. São atuações distintas pontualmente e unidas em processo central e único, o Projeto PSA como um todo.

O trabalho realizado visa a educação e qualidade de vida dos ribeirinhos amazônicos por três principais frentes: Educomunicação, Saúde Comunitária e Economia da Floresta. Todas estas buscam levar informação aos comunitários, fortalecendo as relações culturais, sociais e ambientais dessa população para que ela possa aproveitar suas potencialidades. Dessa forma os chamados “povos da floresta” podem permanecer nas margens do rio sem serem enfraquecidos e empobrecidos. Logo, integram a Ecologia das comunidades com informações necessárias para real sustentabilidade: saúde das pessoas e manutenção da mesma e do ambiente circundante.

Irei detalhar cada uma das frentes de atuação para melhor entendimento da dinâmica da atuação do PSA. Cada uma das unidades principais possui uma articulação e algumas importantes subdivisões. Todas as frentes de atuação conectam-se em princípios básicos e ocorrem simultaneamente no trabalho realizado nas comunidades, apesar de serem gerenciados de acordo com a necessidade e estruturação da mesma.

Organização e gestão Comunitária:

Essa unidade de atuação seria a entidade administradora do PSA, pois é a base de diálogo entre os agentes sociais e os comunitários. É no trabalho de organizar e gerir a comunidade que o conhecimento é realmente incorporado pelos ribeirinhos, que ganham a chave para concretizarem projetos em suas comunidades.

A organização e gestão comunitária incluem a capacitação de lideranças nas comunidades. Isso significa entender a organização social e espacial da comunidade na busca de articular representantes capazes de liderar projetos.

Outra base importante dessa unidade é a educação para a cidadania e políticas públicas. A equipe do PSA considera de extrema importância a construção do conhecimento ribeirinho acerca de suas relações políticas e sociais. A educação para a cidadania inclui informar-lhes da conduta mais adequada com seus resíduos, ensinam a melhorar a condição social e econômica das comunidades. Já a educação de políticas públicas os enriquece de informação burocrática e política das quais carecem. Ensinar-lhes o funcionamento da gestão municipal, dos órgãos públicos e do governo do qual estão representados, é empoderar-los de conhecimento de influência. É impedir o alienamento de povos tradicionais, alheios ao meio urbano de maior posicionamento no Brasil. Muitos povos perdem terras e são desconsiderados quando distantes dos movimentos e articulações políticas, e é por isso que esse é um tema amplamente discutidos no PSA.

No projeto é visada a melhoria da qualidade de vida da comunidade e otimização sustentável na exploração de seus recursos, dessa forma, a gestão comunitária para o desenvolvimento é outra importante frente da organização comunitária. Com ela criam debate sobre como gerir melhor a comunidade, evitando seu desmonte.

Entre o gerenciamento, encontra-se também o meio ambiente circundante, a floresta amazônica. Portanto, o PSA propõe um zoneamento participativo e planos de uso para os ribeirinhos. O PSA faz um zoneamento que indica principais recursos e tipos de solo na região da comunidade e propõe em conjunto um plano de uso.

Esse incentivo ao trabalho coletivo é também uma forma de aumentar o associativismo e o cooperativismo nas relações sociais dos comunitários. O PSA também propõe assessorias à municípios e movimentos sociais, aumentando a rede de contatos dos ribeirinhos, ampliando suas relações políticas e de absorção de recursos. Isso também incentiva uma maior articulação e integração institucional, teias ribeirinhas.

Já para as últimas frentes de atuação da unidade de organização e gestão comunitária está o movimento mais ligado ao meio ambiente e gestão de recursos.

O PSA estimula nas comunidades a construção de agendas 21 locais. Levando em consideração a proposta de medidas de mudança de conduta frente ao meio ambiente, o projeto tenta em parceria com escolas e lideranças comunitárias, a construção do programa da agenda 21 para os ribeirinhos.

Trazendo informação para gerar mecanismos de sustentabilidade para os ribeirinhos, o PSA dá a base de conhecimento sobre o que é sustentabilidade e como podemos garantí-la.

Pelo Sistema de Informações georreferenciadas (SIG), O PSA ajuda-os a melhor planejar suas áreas de cultivo, mapear recursos e o processo de urbanização. Utilizam essa tecnologia como forma de instrução dos ribeirinhos no processo educativo de organização

gestãocomunitária.



Reunião de Gestão Comunitária com membros do PSA e comunitários

Saúde Comunitária:

Dentro da unidade de atuação Saúde Comunitária, encontram-se as ações de atendimento médico propriamente dito às comunidades ribeirinhas e ações educativas de prevenção e erradicação de doenças.

A capacitação de agentes de saúde e parteiras, é uma iniciativa que visa treinar profissionais que podem atender às necessidades mais básicas de saúde das comunidades, além de

incentivar a independência do atendimento médico alheio a elas. Os agentes de saúde monitoram as principais doenças da comunidade e servem de conexão com o SUS (Sistema Único de Saúde), a política federal de saúde, levando demandas de material, remédios, entre outros. O agente de saúde trabalha nos postos de saúde atendendo as comunidades diretamente. As parteiras, conhecimento popular riquíssimo entre as populações tradicionais, perde-se aos poucos com o surgimento de hospitais, porém o PSA quer evitar que as parteiras sumam das comunidades, já que a distância da cidade exige um trabalho desnecessário de deslocamento e elas podem encontrar-se muito perto, como pronto atendimento.

O trabalho educativo se dá por palestras e debates sobre assuntos; como higiene, saneamento básico, saúde reprodutiva da criança e da mulher e saúde oral. Os médicos e educadores do PSA encontram-se com a comunidade para tratar das doenças mais comuns, explicando-lhes as origens, causas e curas, com o intuito de reforçar a saúde da comunidade.

Já o trabalho técnico inclui o monitoramento epidemiológico das comunidades. Especialistas e agentes sanitários visitam as comunidades recolhendo amostras de água para estudos de contaminação e promovem campanhas de vacinação. Animais também são periodicamente examinados e avaliados para impedir epidemias de doenças graves, como a leishmaniose.

O Atendimento Médico às comunidades é feito por unidades móveis e centros de saúde. Barcos que possuem estruturas de atendimento e que faz visitas frequentemente às comunidades.

O Abaré, o mais recente barco-hospital do PSA é o agente de “Saúde na Floresta”. Em seus consultórios e laboratórios móveis recebe os ribeirinhos para consultas médicas com um clínico geral, com dentistas e atendimento com enfermeiras. Os médicos recolhem material para exames, e faz a ponte entre hospitais e ribeirinhos, responsabilizando-se pelos resultados. Realizam também exames de rotina e exames preventivos.



Abaré: o barco hospital “Saúde na Floresta” em atendimento às comunidades

Economia da Floresta:

O núcleo de Economia da Floresta é a unidade de atuação que integra desenvolvimento econômico com Ecologia e preservação cultural e ambiental. Nessa frente, o PSA atua estimulando atividades de movimentação econômica e social nas comunidades ribeirinhas.

Geração de renda é um dos propósitos, firmando a autonomia financeira dos ribeirinhos que hoje dependem de apoio federal com o “Bolsa Família” e sobrevivem também do comércio de produtos agrícolas e da pesca artesanal. Porém, sem ajuda com o desenvolvimento de um planejamento econômico e sustentável, as comunidades acabam lucrando muito pouco ou gerenciando mal suas atividades.

O PSA gera a capacitação de Produtores e grupos de mulheres, fortalecendo grupos e associações comunitárias já existentes, dando-lhes ferramentas para melhor conduzir sua produção. A base de conhecimentos provém da agricultura familiar e da agroEcologia, ligados ao uso e produção sustentáveis. A agricultura é vinculada por sua vez ao manejo florestal, realizado pelo núcleo de Economia da Floresta do PSA, comunitários e parcerias.

Existe nessa frente de atuação um processo educativo próprio voltado para a educação para o trabalho, Empreendedorismo e Planos de Negócios, Economia doméstica e arte utilitária.

Esses temas fortalecem o conhecimento dos ribeirinhos em questão de produção e planejamento. O trabalho inclui assessoria de desenvolvimento e design de produtos e capacitação de profissionais. O PSA incentiva a produção artesanal das comunidades e ajuda na distribuição e revenda dos produtos, garantindo um retorno concreto e com autonomia para os próprios artesãos.

A outra frente de atuação é a criação de Ecoturismo de Base comunitária. Viabilizar o turismo nas comunidades, acrescentando infra estrutura e informação sobre o que é como funciona o turismo. Porém, levando em consideração a estrutura e reais necessidades da comunidade, garantindo a manutenção de seu espaço e de sua cultura de forma sustentável.

Essa unidade de Economia da Floresta leva em consideração o consumo e gastos das próprias comunidades e tentam melhorar e otimizá-los. Por exemplo estimula o comércio interno e externo no qual as comunidades se autossustentem, necessitando o mínimo de produtos de fontes externas. Com energia é a mesma coisa, o PSA busca investir em sistemas de energia renovável nas comunidades, como obtenção por painéis solares. Além de minimizarem custos de implantação e construção de fontes de energia, ainda contribuem sendo uma energia limpa. O PSA obtém recursos para disseminar e implementar essa tecnologia.



Elaboração de artesanatos de alta qualidade revendidos pelo PSA garantem economia solidária e justa aos ribeirinhos.

Educação, Cultura e Comunicação;

A unidade de atuação de Educação, Cultura e Comunicação é também o foco de estudo deste trabalho. É a organização do PSA ligada ao processo educacional junto às comunidades, trabalhando no processo de capacitação de jovens, professores e crianças e na educação ambiental e comunitária.

Nessa frente entra o grupo de arte-educadores e articuladores que dão apoio às escolas e dão palestras, criam debates e fazem oficinas.

Existe o projeto de capacitação de monitores mirins. Crianças de 6 a 12 anos são introduzidas no trabalho coletivo das comunidades, tornando-se responsáveis pela criação de material didática, articulação de movimentos, propostas de atuação, projetos sociais. Tornam-se monitores das atividades nas comunidades, aprendendo a participação ativa e cidadã.

Entre o principal projeto de comunicação está a “Rede mcoronga”, atividade educativa de comunicação para as comunidades. A Rede inclui programas de rádio que são transmitidos na própria comunidade e em outras, aumentando a comunicação entre os ribeirinhos que entram também na comunicação com outros veículos do resto do Estado. O PSA desenvolveu estações móveis de rádio que, com patrocínio de outras instituições, foram implantados em

muitas comunidades. As rádios permitem a comunicação direta dos ribeirinhos com os centros urbanos e disponibiliza vasto espaço para criações artísticas e coletivas.

Oficinas de utilização da tecnologia de rádio e vídeo são realizadas com os comunitários. As rádios mcorongas são apresentadas pelos próprios comunitários que criam programas, articulam grupos e disseminam informação.

A Rede Mcoronga é também composta por jornais e vídeos comunitários, produção também ribeirinha que é distribuída por eles. Os ribeirinhos desenvolvem habilidade e experiência na criação artística, no domínio de tecnologias e na disseminação e desenvolvimento de informação. A rede mcoronga é uma aplicação prática da “edu-comunicação”.

Muitas comunidades ribeirinhas obtiveram também a criação de Telecentros, espaços que contém computadores que contribuem para sua comunicação e inclusão digital. O PSA tenta obter recursos para levar a tecnologia e a oportunidade até as comunidades, dando-lhes maior infra estrutura e facilidade digital.

Por fim, mas não por falta de importância vem a Arte-educação do PSA. Educadores participam das comunidades dando oficinas e trabalhando com crianças e adultos. Esse trabalho inclui debates, palestras e conversas, mas principalmente o desenvolvimento de material criativo. A arte-educação passa informação aos ribeirinhos e essa é transformada em produtos lúdicos de maior assimilação e impacto.

Os ribeirinhos criam esquetes, desenhos, teatros e números de circo que são apresentados no espetáculo final: O Circo mcorongo.

A prevenção de doenças, cuidados com higiene, tratamento de águas, planejamento familiar, economia e outros, são assuntos tratados em atividades lúdicas, paródias, músicas e apresentadas a toda a comunidade.

Os palhaços educadores recriam o processo pedagógico e o colocam como um processo criativo. Ajudam os ribeirinhos a virarem palhaços, criarem coragem, subirem no palco e fazerem a platéia rir e aprender. O circo é um momento esperado, é o ápice do dia, quando toda a comunidade se reúne com o PSA para divertirem-se.

Portanto, o “Gran Circo Mcorongo” – parte integrante da alegria do projeto- leva a arte circense aos ribeirinhos que tornam-se os protagonistas do picadeiro, provocando risadas do público sobre assuntos relevantes e educativos. Cria-se a arte-educação que, além de sensibilizar, traz também lazer e cumplicidade entre os membros do projeto e da comunidade. É uma linguagem coletiva. Como dizem, a seriedade não tira a alegria, e como fazem, promovem mudanças significativas na qualidade de vida dessas comunidades que a partir

delas aprendem a valorizar-se enquanto coletivo, enquanto cultura e enquanto povos da floresta.



Espectáculo do Circo Mocarongo. (Fonte: Arquivos PSA)

Retorno ao PSA

Depois de destrinchadas as frentes de atuação, fica um pouco mais claro o papel de atuação do PSA nas comunidades, clareando um pouco mais as diferentes linhas de percurso que eles utilizam e, fica mais óbvia a conexão entre todas elas.

Percebe-se, portanto, que Todas as unidades de Atuação do PSA possuem um objetivo: gestão comunitária, saúde, economia e arte/divertimento e todas possuem um processo educativo de base, para formação e capacitação de sujeitos que atuem nas frentes em questão. Logo, interconectam-se em um processo ativo educativo para as comunidades.

Capítulo 2: Mocorongos

Esse capítulo é dedicado àqueles que abriram suas casas ao PSA e a mim, os ribeirinhos. O povo tradicional que mora nas margens dos rios amazônicos, que faz parte dos “povos da floresta”, os educandos educadores do trabalho educativo.

Quem são as populações tradicionais da Amazônia?

São pessoas que vivem não só às margens dos rios, mas à margem de nossa cultura ocidental urbana. São aqueles que realmente habitam o ambiente natural, as florestas, os igarapés, igapós, lagos e várzeas. São vidas movidas pelos ciclos dos rios, pela quantidade de peixe, pela beleza do artesanato, pela convivência comunitária e familiar; são grandes conhecedores da natureza, passando esse conhecimento de geração em geração.⁷

A vida de um povo tradicional conecta-se muito mais com a noção de território, a importância de simbologias, da auto-identificação cultural e da dependência dos recursos do meio ambiente, do que com o acúmulo de capital e a urbanização. Temos, portanto, uma outra cultura, acolhida pelo meio natural.

Povos da floresta

Os chamados “povos da floresta” não ganharam essa denominação comum porque quiseram e sim, como parte de um resgate de suas origens, no intuito de unirem-se culturalmente frente a cultura urbana e dominante.

“Povos da floresta” são populações, tribos, grupos ou etnias que possuem uma dimensão cultural extremamente vinculada às florestas. Sua existência demonstra a importância a mata para seu estilo de vida que vai além da exploração madeireira ou da caça, ela amplia-se para um modo de vida, ou uma cultura, que vive ligada intrinsecamente com os sistemas naturais. Na Amazônia, nossos povos da floresta são índios, caboclos, negros, cafuzos, ribeirinhos. São também carnaubeiras, piaçaveiros, quebradeiras de babaçu, seringueiros e ervateiros. São personagens que compõem o estilo de vida tradicional, comunitário e diretamente ligado à Natureza. Simples assim, são povos da floresta. Não tão simples assim.

⁷ A pesquisa baseia-se nos seguintes autores: Amorozo (1996), Araújo (1998), Mendonça et al (2007, Moran (2000) e Petrere (1992)

Na Amazônia a cultura, a vida e os saberes cresceram junto à cultura indígena e, aos poucos esses valores foram adaptados, assimilados, modificados e difundidos em uma cultura dos povos colonizadores, povoadores ou “chegantes”, como contam os próprios ribeirinhos.

É difícil que consigamos definições específicas, que possam abranger toda a diversidade cultural e social dos povos amazônicos, é imprescindível, no entanto, que nós saibamos reconhecê-los, respeitá-los e, principalmente enxerguemos seu modo de vida único.

Ao longo do tempo as comunidades tradicionais foram englobadas no debate teórico científico, ganhando diversas denominações diferentes, ou seja, colocadas à margem, na posição de objetos de estudo. A forma de tentar colocá-las dentro de somente uma denominação é a grande questão. No entanto, a maioria dos estudiosos no tema, concordam em selecionar e definir a auto-identificação e a identificação pelos outros membros do grupo, como um dos fatores essenciais para designar um indígena e com isso reconhecer seus direitos e deveres.

De todos os intentos classificatórios, surgem inúmeras propostas e confusões. As tentativas são confusas devido à dificuldade de tentar dar uma definição para *uma* cultura que, na verdade, são várias culturas.

Digo que essas populações são simbiotes com o meio natural, vivendo longos tempos, tradicionalmente utilizando-se sustentavelmente de seus recursos ecossistêmicos. Porém, existe sim o contato com o meio urbano, seja via incorporação, conflito ou mesclagem. A essas culturas, podemos dar-lhes a terceira margem do rio.

Quem são os ribeirinhos?

“A ausência de instrução formal não é sinônimo de ausência de conhecimento.” Elisabetsky (2002)



Meninos brincam nos rios Amazônicos

O termo “ribeirinho” denomina àqueles que andam pelos rios. O rio constitui a base de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de alimento e via de transporte. Populações ribeirinhas são aquelas que vivem em comunidades nas margens dos rios e sobrevivem de atividades de

subsistência como pesca e roçado e também de pequenas atividades econômicas. Pessoas ligadas diretamente à Natureza, recursos naturais e espaço. Nesse contexto são aqueles que habitam áreas de proteção e preocupação ambiental, e as ocupam tradicionalmente, sendo afastados de núcleos urbanos e do desenvolvimento urbano propriamente dito. Logo, pessoas que vivem entre condições sustentáveis em relação à ocupação do ambiente, com utilização de técnicas prioritariamente baseadas na disponibilidade dos recursos naturais existentes dentro de fronteiras geralmente bem definidas, adequando-se ao que a natureza tem a oferecer, e também manejando quando necessário. Porém necessitam de suporte educacional e técnico em recursos não presentes em comunidades afastadas, como saúde, saneamento básico e informação.

Um aspecto muito importante da organização social ribeirinha na Amazônia e, principalmente, das comunidades do Rio Tapajós e Arapiuns, as comunidades atendidas pelo PSA, é o conceito de *comunidade*. As chamadas comunidades ribeirinhas possuem uma estrutura social diferente da sociedade urbana não só no aspecto cultural, mas no próprio cerne da organização espacial e política. A idéia de comunidade é freqüentemente associada a uma configuração espacial física: o bairro, o povoado, os moradores de uma bacia.

Os ribeirinhos possuem uma estrutura comunitária, na qual a densidade demográfica é pequena, o envolvimento familiar do grupo é grande, assim como são as divisões de tarefa e a troca de alimentos produzidos. Pode-se dizer que o senso comunitário aproxima muito mais os ribeirinhos de indígenas do que da cultura urbana dominante, garantindo-lhes um potencial para ações conjuntas (comunitárias) mais afluente e esse aspecto é de fundamental importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Para os ribeirinhos, seu saber é algo implícito na própria dinâmica da comunidade; do povo tradicional. É preciso entender que falamos de pessoas que vivem diretamente ligados às atividades de subsistência cujo conhecimento está guardado dentro dos próprios comunitários. Conhecendo esse processo de transmissão do saber, do conhecimento, estamos também estruturando nosso conhecimento sobre essas pessoas, a fim de, ao longo do trabalho, entendermos as conexões entre o trabalho realizado pelo PSA e seu encontro com a cultura ribeirinha.

A construção do saber tradicional possui inúmeras peculiaridades. É um saber alicerçado na vivência dos indivíduos, nas suas relações pessoais, sociais e também com o ambiente.

Cada comunidade possui seus saberes em seus moradores, o repasse e sobrevivência dos mesmos é a memória viva dessas pessoas.



Casa ribeirinha: pesca, artesanato, fogão à lenha, animais, paredes de barro e teto de palha

Em sociedades tradicionais, a transmissão oral consiste na perpetuação dos saberes. O conhecimento é passado adiante, o que faz com que a transmissão entre gerações requeira contato intenso e prolongado dos membros mais velhos com os mais novos. O conhecimento pode se acumular com o tempo, assim os mais velhos tendem saber mais sobre a memória da comunidade e são considerados pelo seu saber. O conhecimento é passado no dia-a-dia durante diversas atividades que são efetuadas pelos grupos; são parte do cotidiano. Ao longo do tempo esse conhecimento vai se estratificando, ou seja, dependendo da função da pessoa no grupo, dominando um determinado tipo de conhecimento sobre o uso das plantas, da pesca e dos outros afazeres.

Muitas sociedades tradicionais possuem uma vasta farmacopéia natural, em boa parte advinda dos recursos vegetais encontrados nos ambientes naturais ocupados por estas populações, ou por eles cultivados. Esses grupos sociais possuem enorme conhecimento sobre as diferentes maneiras de aproveitar e manejar a natureza.

Ao longo do tempo, estas populações aprenderam a selecionar a a classificar plantas, a cultivá-las e a praticar a medicina tradicional. O conhecimento empírico e tradicional foi evoluindo em conjunto com os ribeirinhos, sendo aos poucos incorporados aos padrões de cada grupo populacional de geração em geração.

Utilizar plantas medicinais é viver o saber terapêutico popular, respeitando as formas de compreender a doença e o corpo. A diferença desse saber da medicina por nós vivenciada é que eles percebem e tratam sintomas, mas não categorizam doenças. A união das duas ciências é que, a vivência medicinal que os povos tradicionais possuem é a fundamentação empírica dos experimentos da medicina. Pressões econômicas e culturais trazem consequências aos saberes de saúde e relações sociais de populações tradicionais, sendo uma perda do enorme conhecimento da fauna, flora e ambientes naturais.



A paisagem ribeirinha: relação intrínseca com o ambiente

Agora, vocês estão chegando mais perto do caminho que gostaria que percorressem. Apresentei a Ecologia e os habitantes dessa experiência. Apresento-lhes agora os educadores.

Capítulo 3: A arte do nariz vermelho

Chegamos ao terceiro personagem: o Palhaço. Esse ser é não só veículo vivente da linguagem do PSA, mas também faz parte da construção simbólica do trabalho social junto aos ribeirinhos.

Contarei um pouco da história, da caracterização, e trajetórias dessa figura carismática, aproximando-os do trabalho de arte educação do PSA e também do estudo da importância e relevância do palhaço para a Ecologia e a Educação Ambiental. Divirtam-se.

Palhaços

O Palhaço, ou *clown* na língua inglesa, é conhecido por suas roupas extravagantes e seu nariz vermelho. Pessoa ou figura que provoca o riso, que faz trapalhadas, que bate e apanha. São inúmeros os tipos de clowns, suas atuações e suas caracterizações, porém sabe-se que o palhaço é parte integrante do imaginário humano e é uma figura universal.⁸

A palavra Clown tem origem no século XVI, seu sentido aproximado seria a de um homem do campo, rústico. Clown também possui o sentido de homem desajeitado e grosseiro; camponês. Os palhaços surgiram como artistas de rua, os saltimbancos, aqueles que foram absorvidos para a arte circense à partir das feiras de rua da Europa. Camponeses artistas.

Os primeiros artistas cômicos do circo partiam da proposta de parodiar os próprios elementos do circo. Eram acrobatas, cavaleiros e artistas que preenchiam o tempo entre os números principais, entreterendo o público com sátiras e pequenas cenas.

No início não se tratavam de palhaços propriamente ditos como os que conhecemos hoje e sim de cômicos às avessas, que reproduziam a ordem e a arte estabelecidas por meio de paródias.

Ainda de acordo com as pesquisas históricas feitas pelo grande palhaço Bolognesi (2003), foi pela união dos artistas de rua, do circo militar e da *comedia dell'arte* que surgiu o contexto para o surgimento dos palhaços. Os saltimbancos e seu teatro, os ginastas e o pierrot ajudaram na construção da figura que, mais tarde, concretizaria o símbolo do clown. Dessa forma, o palhaço dos primórdios precisou abranger muitas habilidades a um só tempo e ainda conseguir extrair da platéia o riso, por meio da graça e da beleza, ainda que rústica e grotesca. Sabemos que o palhaço que improvisa e brinca no palco é uma figura alegre e versátil, porém existem muitas histórias sobre essa felicidade que permeia o palhaço e algumas colocam que,

⁸ (BOLOGNESI, 2003)

por trás da máscara reside um homem muito triste e desiludido. Sua máscara, sempre sorridente, é refúgio para as lágrimas que tranfiguram-se em elementos cômicos, fazendo com que a platéia sorria daquilo que o entristece. No palco, um ser alegre por excelência; fora dele, triste por condição.⁹ Por suposto existe uma conexão entre essa tristeza comitizada e a origem do palhaço.

Os grandes “tipos” de palhaços são o Branco e o Augusto, uma dupla que é configurada à partir de figuras opostas. O branco, de roupas extravagantes e maquiagem basicamente preta e branca é o autoritário, o chefe, o dono dos planos e das idéias e contracenava com o Augusto, figura mais tonta, mais ingênua, com maquiagem mais colorida; a personagem que cai e é alvo da piada. Esses tipos de palhaços fazem parte da construção de relações de poder que ajudam na criação do cômico. O Augusto surge no momento em que a sociedade industrial procurava padronizar o indivíduo, inibindo a marginalidade, assim ele representa o homem que não adequou-se a essas demandas e sofre com as imposições do autoritário Branco, símbolo de poder e da razão. Considerado um “marginal por excelência”, o palhaço Augusto ficou à mercê da conduta estabelecida pela sociedade e se vê incapaz de realizar tarefas simples, ocasionando o riso por seu ar de bobalhão, seu nariz vermelho (por tristeza e choro ou embriaguez) e sua maneira disforme de ser.

A não-conformidade e a necessidade de improvisação foram os fatores de caracterização e também de libertação do palhaço. Desse encontro adveio uma forma cênica aberta, formada e baseada na capacidade de interpretação e de improvisação do palhaço, dando liberdade e a audácia a um personagem não restrito a gêneros fechados. O palhaço é a figura central central dos espetáculos nos pequenos e médios circos, em qualquer uma de suas modalidades. Ele é a personagem responsável pela insolência e irreverência, que satiriza a tudo e a todos.

Fica evidente que o palhaço ganhou destaque por causa de sua forma de apresentação: o extravagante, extraordinário e irreverente. As roupas são parte integrante de diferenciação do palhaço do ser humano normal, elas destoam sua imagem, dando-lhe a inadequação aos padrões normais e tirando-lhe a possibilidade de passar despercebido. O clown cara-pintada está separado da vida por sua própria careta. Porém o cômico é próximo da vida, é o homem real, o trabalhador, a simplicidade

O palhaço aparece sempre como disforme, cheio de trejeitos, dando ênfase ao ridículo e ao inusual, explorando as deficiências e os limites, pode-se dizer que é um corpo sem amarras sociais. Porém a individualidade de cada palhaço se dá pela própria natureza de cada artista. O

⁹ (PANTANO, 2007).

palhaço visa explorar e expandir todas as “irregularidades” presentes em cada pessoa, evidenciando suas fraquezas e seu ridículo. Dessa forma cada palhaço revela-se com suas peculiaridades.

O descompromisso com a forma de se vestir e se comportar são, na realidade, uma forma de contestação e não são desprovidas de um sentido político de desconfigurar a ordem normal da sociedade. Revelam um desprendimento com qualquer padrão estabelecido.

Além de toda a construção da vestimenta, é o rosto do palhaço que marca sua expressão. É característica própria do palhaço cobrir o rosto com maquiagem muito carregada. As cores principais são o vermelho, o branco e o preto que distribuem-se pelos olhos, boca e bochechas. Porém o ponto chave é o nariz vermelho, o destaque exagerado do homem ridículo dono de seu nariz.

Assim, apresenta-se o palhaço e seu jeito de ser e estar, de fazer graça, demonstrando sua origem e os vieses que o transformaram no que encontramos hoje. Vale reiterar que a transgressão e a subversão que permeiam o palhaço são costumes intrínsecos do fazer artístico que retrata de certa forma o fazer cultural de sua época.

A arte que visa transformar, provocar mudanças e expandir a expressão humana estão no saber do palhaço que faz rir pela sua tragédia e fica impossível retirar essas características de seu jogo cênico, é impossível torná-lo obediente ou submisso as regras, pois é um ser liberto.

Uma pequena volta à origem dos palhaços se faz necessária para evidenciar sua capacidade de promover mudanças políticas por meio do humor. Essas considerações serão ampliadas na discussão desse trabalho. Essa viagem nos leva de volta aos bufões das cortes medievais.

O Bobo é aquele que se opõe ao poder, pois é submisso e, aparentemente louco. Portanto, é sob o pretexto da loucura que se pode dizer toda e qualquer verdade e, ainda assim, provocar o riso. O bobo, o palhaço, o ignorante fazem uso da máscara da alienação para influenciar comicamente as idéias de exploração e crueldade. O bobo que se aproxima do rei é um conselheiro direto e querido que, pelo afeto, desperta o desconforto com as convenções estabelecidas. O palhaço possui a liberdade de aparentar ser bobo e revelar as mais penosas situações as quais o ser humano se submete ao público que assiste. O carisma do palhaço que desvenda o riso é o mesmo que se perpetua sensitivamente na platéia. A subjetividade dos atos grotescos e subversivos é que promovem a percepção da opressão.

Muitos palhaços nasceram da necessidade de constestação da ordem social e muitos evidenciaram em seu sucesso os problemas de sua realidade. Em grande parte, a origem desse papel político do palhaço nasceu com a revolução russa, na qual o povo gritava por direitos e por democracia.

É por esse caminho que o palhaço verdadeiro atua, extremamente preocupado com a sociedade que o rodeia, com a linguagem universal que utiliza e com uma semelhança às pessoas que representa.

Minha Experiência Cartográfica:

Descobri o Projeto Saúde e Alegria quando meu nariz já era vermelho. Ao cursar a graduação em Ecologia tive a oportunidade de também conhecer o circo. Desse encontro adveio a educação ambiental, que permitia-me vincular a arte e os saberes ambientais na descoberta das habilidades do corpo e sua relação com a ambiente.

Foi por meio de meu pai que recebi uma revista que continha uma entrevista com os fundadores do PSA, na qual falava-se da importância do desenvolvimento social na Amazônia envolvendo as populações locais da região. Quando vi que utilizavam a linguagem circense em projeto social com ribeirinhos identifiquei-me com a proposta e busquei contactá-los e marcar uma visita. Sucesso. Assim, fiz minhas malas e fui levar meu nariz vermelho à Amazônia.

No Pará tive a oportunidade de conhecer o PSA em sua sede em Santarém. Lá encontram-se todos os núcleos de atividade do Projeto, de lá saem as expedições para as comunidades e de lá são arquitetadas. Nos quase vinte dias que acompanhei o trabalho do PSA tive a oportunidade de observar as diferenças culturais da Amazônia, sua riqueza e também seus poréns sociais. Pude conhecer todos os setores da ONG, da Educomunicação ao Economia da Floresta, sendo muito bem recebida por todos. Mas foi no Abaré que tive maior contato com o trabalho de arte educação.

Nos dez dias que viajei o rio Tapajós no grande barco hospital, o Abaré, naveguei por quase 40 comunidades ribeirinhas nas quais desenvolvemos as mais diversas atividades. Cada chegada era uma Alegria que trazia saúde. Cada comunidade recebia-nos como se forámos parentes ou velhos amigos. Eu senti a conexão existente entre os ribeirinhos e os “doutores” do PSA instantaneamente e fiquei muito feliz de estar ali, fazendo parte daquele encontro. Pessoas como Dona Martinha da comunidade de Suruacá nos recebiam com música, sorrisos e com a casa aberta.

Dentre as atividades desenvolvidas nas comunidades pude ter contato com todas, acompanhando desde o atendimento médico no Abaré, no qual conversei com ribeirinhos nas salas de espera até o grupo de agentes sanitários que faz prevenção de doenças erradicadas por animais.

Jovens, adultos, idosos e crianças esperavam para serem atendidos pelos médicos e o resto da comunidade aguardavam a equipe que une-se a ela em terra firme. Essa equipe é a de arte-educação. Na companhia da Palhaça Macaxeira, do Tucupi e do Pimenta eu descia à terra

firme e podia conhecer de perto, bem pertinho, os queridos ribeirinhos. Acompanhada também de uma equipe de estagiários conseguimos desenvolver atividades de filmagem e educação comunitária.

As principais atividades realizadas foram reuniões e discussões com a comunidade sobre fortalecimento das comissões de saúde, ou seja, ajudando-os a unir-se e construir um grupo que cuidasse das questões de saúde da comunidade, reunindo informações e mantendo contato com os agentes de saúde. Esse trabalho tinha como objetivo melhorar a coleta de informações sobre as principais doenças que ocorrem e também fazer uma triagem de pacientes para melhorar o atendimento do Abaré, minimizando consultas não emergenciais. Nessas discussões o PSA visava passar informações e escutar os ribeirinhos, tirando dúvidas e motivando-os. Geralmente esse trabalho, fossem discussões, palestras ou reuniões, junta o material para a apresentação do Circo Mocarongo no final da tarde, porém o circo só pode acontecer em dois dos dias de trabalho, devido à falta de tempo e de organização, como atrasos ou falta de contingente.

Embora não tenha participado de extensas apresentações circenses ribeirinhas, eu pude conversar com monitores mirins e comunitários que faziam parte desse histórico circense do PSA nas comunidades e, todas as histórias eram cheias de alegrias e sucesso, logo eu estava em um período de transição da organização da ONG que estava dificultando a realização do Circo. Portanto, meu trabalho analisará o material já produzido no histórico do projeto e não em observações minhas propriamente ditas. O fato do circo não ter sido montado com constância não impediu a qualidade e a essência do trabalho que me foram muito proveitosos. Na comunidade de Parauá, Corolida – que sou eu com meu nariz vermelho – teve a chance de brincar com as crianças ribeirinhas em uma das atividades mais ecológicas que pude participar durante a viagem. Foi feita uma coleta de lixo animada pelas áreas da comunidade, muitas crianças lideradas por dois palhaços, pois Tucupi o caboclo estava comigo, que foi filmada e transformada em um vídeo educativo sobre lixo, reciclagem e poluição. Vídeo este que passará na sala de espera do Abaré, perpetuando o trabalho educativo. A coleta limpou quase cinco sacas de lixo por entre a mata, os igarapés e ruas. Exaustão que terminou em banho de água de rio com comemorações de todos.



Corolida na atividade de arte-educação com crianças

Em Suruacá, uma das maiores comunidades ribeirinhas que o PSA atende há muito tempo, desenvolvemos uma atividade de teatro, na qual jovens produziram o texto e nós captamos as imagens. O filme educativo falava sobre planejamento familiar, sobre dificuldades financeiras e sociais de se ter muitos filhos, importância de educação com jovens sobre o tema e sobre a educação de crianças comunitárias. Além de educativo, as filmagens eram divertidas com entrosamento via atividades de teatro e criação do cenário e das personagens, todos membros da comunidade.

Já em Amorim as oficinas de teatro foram unidas com uma palestra sobre educação sexual. Expusemos as principais doenças venéreas (sintomas, como prevenir e como tratar) e propusemos uma discussão com os comunitários sobre suas dúvidas, problemas relacionados com as doenças que eles observavam e principais questionamentos. Após a palestra ocorreu uma oficina de teatro que motivou a criação de pequenas peças que tratavam sobre o tema e que foram filmadas. A segunda parte foi uma brincadeira educativa que transfigurou ou participantes em algumas das doenças. Assim, fizemos um filme em que os personagens eram as próprias doenças e os ribeirinhos eram seus remediadores. Com esse filme os jovens transformam-se, literalmente, em atores educativos não para a sua comunidade, mas para todas que serão atendidas no Abaré ou que tenham contato com os filmes.

Em Ukena, fui trabalhar com uma das dentistas do Abaré nas escolas municipais. A doutora foi falar com todas as classes, com todas as crianças sobre higiene bucal, e coletar dados para pesquisa dentária com ribeirinhos. Em palestra divertida ela conversou com as crianças sobre

importância da escovação e da alimentação para o cuidado dos dentes. Nas comunidades muitas crianças perdem os dentes definitivos e estragam seus dentes de leite, apenas por falta de informação ou de condição. Por essas razões os professores da escola foram também chamados, com a proposta de perpetuarem o trabalho junto com as crianças. Percebi que havia a preocupação em realizar um trabalho continuado visando a educação de crianças e de adultos.

Em outras comunidades observei o trabalho de campo dos agentes sanitários que estavam erradicando a leishmaniose das comunidades. A atividade consistia em recolher amostras de sangue de cães (vetores da doença) que não haviam sido testados, sacrifício de animais contaminados e vacinação dos saudáveis. É interessante participar de um trabalho como esse que envolve lidar com cães, que são muito queridos pelos comunitários e por mim, mas principalmente por seu caráter educativo, pois os comunitários tornaram-se cientes da gravidade dessas doenças e de que é necessário tomar providências. E, assim, os agentes trabalharam com o apoio dos ribeirinhos em sua maior parte. Além de serem medidas preventivas que retiram da circulação um dos males que causam estragos e que podem ser remediados. Outro passo na melhoria da qualidade de vida ribeirinha.

Bom, nesses dez dias tive o prazer de acompanhar o rio, as belas paisagens que só a Amazônia pode oferecer, além de entrar em contato com uma pureza social que antes eu desconhecia. A estrutura comunitária difere-se em muito da sociedade urbana que vivo, embora a pobreza, a embriaguez e a falta de saúde sejam problemas idênticos nos dois ambientes. E foi percebendo como o PSA entendeu essa força e esse potencial para o trabalho coletivo das comunidades que compreendi a força do afeto e da arte para o sucesso de um trabalho social. Sem a alegria que os ribeirinhos demonstram ao receber o trabalho, não haveria envolvimento tão grande de ambas as partes. E, sem a estrutura técnica de primeiro mundo, oferecida pelo Abaré, não haveria um cuidado zeloso com a saúde daquelas lindas pessoas que vivem na beira dos rios.

Acredito que apenas a motivação constante para que o circo não morra e para a atuação eficiente do PSA, pode manter esse trabalho ativo, perpetuando a alegria e o fortalecimento das populações tradicionais.

Ecologia, a Saúde e a Alegria

Neste capítulo adentraremos as principais discussões acerca dos métodos escolhidos pelo PSA para sua atuação nas comunidades ribeirinhas, destrinchando cuidadosamente seus pontos fracos e fortes. Um ponto importante é a correlação entre a preservação ambiental e, portanto

um trabalho ecológico, e a ação social realizada e, para isso, detalharemos as ferramentas subjetivas da arte-educação ambiental.

A Ecologia do PSA:

De acordo com o elaborado por Haeckel, em 1870, 'Ecologia' era originalmente definida como: o corpo de conhecimento relativo à economia da natureza - a investigação da totalidade das relações do animal com o seu ambiente inorgânico e orgânico; englobando acima de tudo, suas relações de amizade e inimizade com estes animais e plantas com os quais ele mantém contato direta ou indiretamente - em resumo, a Ecologia é o estudo de todas aquelas complexas inter-relações referidas por Darwin como as condições de lutar pela sobrevivência. A partir desse pressuposto, esse trabalho pretende interligar-se com a Ecologia ao eleger como objeto de estudo uma ONG que enxerga um processo de intervenção como uma rede (ou teia) com processos interligados, da percepção da cultura ribeirinha e sua relação com o ambiente como também a gama de inter-relações dessa com sua qualidade de vida e condições de saúde.

A Atuação de ONGs preenche a lacuna deixada pelo Estado: falta de educação, saúde e moradia para suas populações. Já que o Estado não age diretamente no problema, a questão exige alguma intervenção. Porém essa intervenção, muitas vezes sujeita-se a "consertar" algum elemento específico, educação, cultura, saúde, política e economia. No caso do PSA todos esses elementos são englobados em um só projeto que, por isso, possui uma visão ampla que busca abranger todos os aspectos. E, por isso, apresenta muitos pontos positivos e inovadores e também ainda encontra-se em desenvolvimento, apresentando falhas.

Estudar esse caso é também inferir sobre essas conquistas ou erros, visando sua melhoria e continuidade. O olhar cartográfico do pesquisador permite essa análise afetiva e colabora para a manutenção de uma ação considerada positiva e transformadora.

No caso dos ribeirinhos, população que vive à margem da cultura urbana neoliberalista, a distância geográfica, política e cultural é enorme, logo, o Estado encontra-se ainda mais longe. O capitalismo global aumenta a pobreza e a desigualdade social através da transformação das relações entre o capital e o trabalho e por "exclusão social". Logo, as culturas tradicionais necessitam de suporte, porém que se utilize de seus recursos naturais e culturais de forma conservacionista: impedindo que a cultura ribeirinha seja "engolida" pela cultura dominante.

As regiões que não têm valor para o capitalismo e/ou que não apresentam um interesse político significativo para os poderes vigentes são excluídas dos fluxos de riqueza e

informação e, em última análise, privadas da infra-estrutura tecnológica básica que os permite comunicar, inovar, produzir, consumir e até viver no mundo de hoje. A falta de recursos impele comunitários a dirigirem-se para as cidades, um êxodo rural do rio para o porto. No caso de Santarém, comunidades ribeirinhas do rio Arapiuns precisam deslocar-se até o centro da cidade (a muitas horas de barco de distância) para atendimento médico, compra de produtos alimentícios e atividades comerciais.

A destruição do meio ambiente dá-se, em partes, pela perda da relação direta com a natureza de populações tradicionais, pela sobreposição destas com a cultura dominante. E, portanto, são necessários trabalhos que visem a preservação dessas culturas e que enxerguem nas mesmas potencial para transformar também a exploração do homem sobre o meio ambiente.

É preciso dizer que um processo transformador não se estabelece só por sua vontade, ele depende da aceitação e continuidade por parte daqueles que estão vinculado a ele. Não é introduzindo um elemento que instantaneamente ele torna-se parte da cultura, é preciso um processo de inserção e integração que devem ser assimilados e entendidos pela população atingida. Processo de dentro pra fora e vice-versa.

Os movimentos verdes ou ecológicos são, em geral, fragmentados e suborganizados, com olhares independentes e com interesses específicos, como preservação de florestas, o desenvolvimento de políticas ambientais, gerenciamento de resíduos tóxicos, conservação, entre outros. Já o PSA é um movimento mais colorido, pois em si leva a preservação ambiental (com trabalhos de agroEcologia, reciclagem e gestão dos recursos naturais) assim como o trabalho pedagógico e de saúde de cores azul, amarelo, vermelho; junto com o colorido do palhaço. É específico para o contexto em que se insere, porém não fragmentado em suas ações.

Desqualificar o âmbito social de ações ecológicas é descaracterizar a mudança necessária para uma reconfiguração do uso do ambiente, afinal são as próprias ações antrópicas que causam os impactos ambientais. E retirar o ambiente quando tratamos de questões sociais é desviar todo o entorno que possibilita a estrutura do social. A integração dos dois olhares é, portanto, essencial.

As mesmas estruturas sociais podem ser reestruturadas com novos valores, contanto que postas em ação. Nosso grande desafio é a mudança no sistema de valores da economia global, de modo a torná-lo compatível com as demandas da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica. É preciso aplicar os conhecimentos ecológicos para uma reformulação de nossas tecnologias e instituições sociais para transpor o abismo que separa o ser humano dos

sistemas ecologicamente sustentáveis da natureza. Seja pela ação de grandes instituições ou de pequenas ONGS, o trabalho deve visar uma sustentabilidade contínua dos sistemas.

O trabalho do PSA torna-se ecológico quando possibilita um ciclo de estímulo contínuo, no qual seu objetivo é multiplicar aquela ação, aquela experiência; no caso o trabalho de arte-educação, criando como agentes de criação os próprios ribeirinhos. O conceito ecológico implícito no trabalho está na ação voltada para a comunidade aonde os agentes (o PSA) traz consigo as ferramentas e o conhecimento, que serão repassados aos ribeirinhos para que *eles* apliquem ao seu próprio ambiente de acordo com a sua percepção, dessa forma o homem não é retirado de seu meio e sim, ganha uma resignificação do mesmo para potencializar transformações que melhorem sua qualidade de vida.

São os próprios ribeirinhos que percebem as questões, assimilam e depois colocam em ação na comunidade, no Circo Mocarongo, em material didático, nas rádios comunitárias ou mesmo nas escolas municipais. São portanto, fortalecidos como agentes sociais.

Uma questão importante quando tratamos da relação do PSA com os ribeirinhos é a real ligação entre educadores e educandos, uma relação horizontal que, Paulo Freire coloca como ponto essencial para um processo educativo. Os educadores devem realmente estar ligados àquelas pessoas, não desejando sua dependência ou sua substituição cultural; o trabalho é altruísta.

Paulo Freire fala em uma pedagogia dos oprimidos, na qual esses oprimidos são todos aqueles alheios à educação e informação, das hierarquias de poder dominante ou aqueles subjugados pela sociedade. Os ribeirinhos, como população tradicional sofrem como esse arquétipo de oprimido quando perde terras, não tem auxílio do Estado, quando desvalorizado culturalmente. Dessa forma, um trabalho junto aos ribeirinhos, para fortalecê-los como indivíduos, retirando-os da posição de oprimidos deve ser feitos como ação libertadora, na qual o opressor não participa (pois não é de seu interesse), o trabalho deve ser revolucionário, uma ação conjunta e libertadora. Freire vai além, dizendo que o processo não está em depositar a crença nessa liberdade, mas no dialogar com os oprimidos até que eles, vejam-se como sujeitos e insiram-se criticamente em sua situação e contexto. A transformação ocorre *com* sujeitos e não *para* os sujeitos.

A Ação social capitalista visa a continuidade do processo contanto haja retorno financeiro proveitoso. Assim sua ação deve sempre manter a relação de necessidade de existência do mesmo. No caso do PSA, sempre haverá a necessidade de atendimento médico às comunidades, porém capacitando-as para, aos poucos manterem-se auto gerenciadas, garantem expansão de serviço a comunidades ainda não beneficiadas. Seu objetivo é

emancipar as comunidades dos centros urbanos e até de atendimento social, pois incentivam comunidades na criação de “unidades de saúde”, na educação de comunitários sobre seus ACS (agentes comunitários de saúde) e possíveis associações comunitárias; também colaboram com a melhor alimentação e condições de saneamento básico que já garantem prevenção para as principais doenças que atingem as comunidades. Fortalecem seus laços econômicos via Economia da Floresta. Ou seja, o PSA olha para a comunidade como um sistema integrado de fatores que se correlacionam: A saúde com a Alegria. Uma comunidade saudável é mais feliz, mais unida e mais fortalecida como corpo social, garantindo uma preservação cultural.

Comunidades com níveis de desenvolvimento mais altos estabelecem uma relação mais forte com seu ambiente. A despoluição do ambiente transforma a relação homem-espço, tornando-o mais habitável. A chegada do atendimento até a comunidade lhes dá a possibilidades de não escapar de seu espaço. A informação adquirida sobre como melhorar o uso do espaço (na agricultura, na higiene pessoal e coletiva, na coleta de lixo, no planejamento urbano e familiar) dá a base para consolidação de uma nova vivência no ambiente, mais harmoniosa e dinâmica; mais saudável. Todo o incentivo à criação artística comunitária em grupo libera os corpos para identificação coletiva com seus ritmos, instrumentos e linguagem própria em processo educativo. Colocar os ribeirinhos dentro e fora do palco lhes dá poder, liberando-os da hierarquia social de culturas aonde o urbano é dono da informação e subestima o saber popular. Os ribeirinhos vêm-se como produtores de saúde e de arte. Riem de si mesmos e aprendem entre si.

Ambiente é saúde?

“Saúde é a Alegria do corpo e Alegria é Saúde da Alma.” O lema da ONG já demonstra seus intuitos em colocar a visão do corpo de forma integrada: saúde e alma. A alegria aparece como conceito de saúde e vice e versa indicando a inseparabilidade de ambos. Um olhar mais profundo vê que a união da alma à saúde foge da visão científica tradicional que vê o corpo humano como máquina biológica. Esse corpo objeto-dominado é estudado, destrinchado e entendido pela ciência médica que pode atuar com princípios químicos na dinâmica química natural do corpo. A ciência pode tratar indivíduos por seus problemas físicos sem correlação com seus aspectos psicológicos e emocionais. A ciência consegue manipular corpos e criar saúde artificial.

Acredito que a chegada da medicina tradicional com o Abaré faz parte de um deslumbramento por parte das comunidades. É uma facilidade mágica que resolve problemas,

e aí está parte do problema de dependência. A carência física e emocional dessas populações são refletidas nas altas filas de consulta de pessoas sem problemas de saúde. Foi assim que a idéia do PSA aprofundou-se e inseriu a Arte em seu contexto.

A arte educação e a entrada dos agentes do PSA nas comunidades trouxeram uma alegria a elas, visitantes que queriam aprender a cultura, a comida, o jeito de falar, de cantar e assim, supriram parte dessa carência que resultava em problemas físicos.

A melhoria do sistema de saúde deles não faria sentido caso não houvessem os esforços do PSA em criar pedras sanitárias, colocar cloro na água, estimular a coleta de lixo. Essa foi a atenção real para a saúde dos ribeirinhos e não o atendimento médico per se.

Uma história muito bonita nos explica um pouco como o corpo e a alegria estão relacionados com a saúde do indivíduo e de seu ambiente. Um homem vai ao médico do PSA com uma dor no braço. Uma dor horrível. “Há quanto tempo o senhor tem essa dor?”. 20 anos. Ele usava a enxada no mesmo braço faziam 20 anos. Essa é a graça de alguém que precisa não de cuidados médicos, mas de atenção e informação. Está aí a ligação que o PSA se permitiu fazer.

Passaram a cuidar, portanto, dos corpos embrutecidos que precisavam valorizar-se, entender sobre sua saúde física para cuidarem mais de seu ambiente também.

O PSA foi capaz de enxergar pessoas que precisavam ser vistas e o fizeram incluindo as margens dos rios, as crenças, as brincadeiras e com isso incentivaram sua alegria, sua motivação: sua saúde.

O Circo Mocarongo:

Quando tratamos de enxergar a ação integradora do circo nas comunidades ribeirinhas, essa deve ser cuidadosamente posicionada sobre o corpo dos indivíduos que lá vivem e lá brincam de circo. O corpo, que está sob cuidados de saúde pelos médicos do PSA, está também passando pelo cuidadoso processo de valorização do eu. O ribeirinho que apresenta-se no palco ganha outra dimensão de poder social, revalorizando-se seja pelo cômico (com esquetes e brincadeiras) seja pelo conceito trágico do circo mocorongo: as doenças e os problemas comunitários, explicitados em canções, paródias e outras. É uma forma de criar em cima do trágico, dando-lhe oportunidades de, também, recriar-se.

Descontrair a platéia pode significar o relaxamento físico e mental da mesma em muitos aspectos. Des- contrair é tirar o corpo da posição de defesa, da posição de rigidez, do estress muscular que tanto prende emoções e ações. O circo possui, portanto, caráter renovador;

massageador de inconscientes. Acredito que a platéia, assim como sai des-construída, sai também mais feliz. A felicidade, se considerada saudável para a mente é um ponto de sucesso para o projeto do PSA.

Já para os que encontram-se no palco, brincando como palhaços ou arriscando-se com performances de todo tipo estão vencendo medos: do fracasso, da timidez, e, por quê não, da própria comunidade. A comunidade, ali exposta no palco, reconhece-se nos indivíduos, na arte e em si mesma. Pois apresenta-se a si mesma e descontraí-se por si mesma. Arrisco-me a dizer que o processo de cura é também uma via de mão dupla.

O PSA que participa e assiste aos espetáculos está, por sua vez, realizando objetivos e criando vínculos com a comunidade que, com muito carinho e empenho, apresentam-se. Logo, o processo criativo volta mais uma vez ao seu caráter cíclico e integrador, uma vez que o agente social, no caso o PSA, recebe a ação dos ribeirinhos, não se impõe muito, apresenta-se.

É possível traçar um paralelo muito definido entre o circo e as comunidades ribeirinhas. Ambos possuem o conceito comunitário de convivência. Um ambiente não limitado em seus recursos e horizontes (o circo e os rios amazônicos), mas em seu número de habitantes que interagem em uma comunidade pequena; tanto o circo como os ribeirinhos possuem tradições e conhecimentos transmitidos oralmente. Ambos estruturam-se à partir de famílias que trabalham em “números” diferentes, constituindo uma grande família. Percebe-se no fim a correlação fantástica que se dá ao conseguir unir as duas tradições: o circo e a comunidade.

O potencial artístico da comunidade consegue ser estimulado, enquanto o caráter familiar do circo, constituído por médicos, educadores, palhaços, artistas e pessoas ganha a rotina comunitária necessária a sobrevivência da real e pura arte circense.

O PSA muniu-se, consciente ou inconscientemente, dos valores circenses para capacitar as comunidades em seus aspectos sociais, econômicos e ambientais. Perceberam que, da mesma forma que uma criança nascida dentro do circo deve aprender a montar e desmontar a lona, a pintar o nariz e vender pipoca, assim devem ser as relações sociais: participativas, organizadas e bem divididas. Da mesma forma que o corpo depende da saúde da alma e vice-versa, a comunidade depende desse conhecimento amplo de valorização. Aquele que monta é também o artista e vice-versa. Vê-se o habitante cuidando da casa ao habitá-la.

As características primordiais do circo romântico podem ainda ser identificadas no trabalho do PSA: abolição da rigidez normativa dos gêneros; exaltação do nacionalismo; valorização do espetáculo dos saltimbancos; afirmação de uma imagem de homem que se sobrepõe e vence os limites do possível; adoção do corpo como elemento fundamental de um espetáculo. Assim, o circo ribeirinho ajuda na interação de homens e mulheres em atividades comuns,

exalta a própria cultura da população tradicional (seus ritmos, seus jeitos de falar, seu tipo de humor etc), na revalorização da arte de rua, da arte popular que atinge a todos e, por fim, na possibilidade de reinventar um novo homem ribeirinho que pode extravasar emoções, divertir-se e vencer os limites que o restringem, que no caso do PSA são as condições de saúde da comunidade.

O PSA mantém o nomadismo ainda constante, pois o Abaré chega às comunidades em períodos de tempo cíclicos, ou seja, o circo é nômade e constante. E, enraizado na própria comunidade, ganha também estacas de lona já firmadas, nas quais a cidade ou a platéia que recebe o circo, já sabe armar o espetáculo. Dessa forma, caracterizamos um circo cuja nova possibilidade é manter a tradição errante, criando também a tradição da permanência. O deslumbramento se mantém vivo com a alegria e com a saúde, que chegam juntos.

O palhaço ribeirinho

"o cômico exige algo como certa anestesia momentânea do coração para produzir todo o seu efeito. Ele se destina à inteligência pura." – Bergson, 1980.



Magnólio, multiplicador de sorrisos e palhaços. Símbolo do PSA.

O palhaço permite aos ribeirinhos a expansão da normalidade. A possibilidade de re-criar-se em um novo personagem ajuda na renovação do papel social de um indivíduo na sua

comunidade. O ribeirinho pode transformar-se em palhaço ou identificar-se com ele e, nas duas alternativas, reside um processo de mudança.

O corpo se desnuda para revelar o que está no interior daquelas pessoas. O próprio indivíduo da comunidade quando enfrenta o palhaço enfrenta o cômico de si mesmo. Portanto, o segredo do PSA está em ter conseguido encontrar o riso das comunidades que abriram suas portas para o atendimento do projeto.

A figura cômica só consegue realizar algo grandioso quando encontra cumplicidade. O riso é reconhecimento de estranhamentos entre público e ator; quem ri, ri daquilo que lhe é familiarmente estranho. O palhaço ganhou espaço por conseguir evidenciar as relações não saudáveis daquele contexto, “estranhou-as” ao público.

O conteúdo cômico das esquetes e paródias realizadas nos espetáculos do Circo Mocarongo fazem parte do processo educacional contínuo do projeto. Ao criar, junto aos comunitários, os elementos a serem apresentados está ocorrendo o processo de assimilação por parte dos novos artistas que, por sua vez, passarão adiante de forma lúdica e divertida.

O riso cria uma dimensão coletiva dos desvios e desperta a surpresa e, assim se faz possível, via reconhecimento, o caminho da correção e reparo. O riso une e não isola, ele fundamenta a qualidade coletiva dos defeitos.

O Palhaço identifica-se com a platéia por fazer parte de um espetáculo cujo registro sensorial prevalece ao intelectual. Não é preciso ser de nenhuma crença específica ou ter conhecimento aprofundado de ciência ou saúde para compreender as mímicas e gestos do palhaço, é preciso, no entanto, estar corpóreamente aberto às expressões para que essas sim, obtenham um espaço registrado na subjetividade individual.

Com isso fica clara a correlação entre a linguagem do palhaço e a linguagem universal, que identifica-se bastante com as tradições dessas comunidades. O conhecimento assimilável oralmente e que “grudam” no imaginário conseguem ser apreendidos pelos ribeirinhos, pois desde sempre eles construíram sua cultura à partir da tradição oral e da criação colaborativa. O circo só restabelece essas conexões aproximando público e platéia.

Em entrevista com Tucupi, um dos palhaços do PSA ele aponta que: “escolhi ser palhaço acho que porque além de me identificar com a arte educação, com música, eu me identifico muito com as crianças, eu aprendo com elas” e que acredita que com a arte, “...além de você ensinar brincando, fica muito mais fácil de passar o conteúdo para as crianças. Claro que não é passado como uma aula, as atividades são repetidas muitas vezes e em muitas comunidades, então a gente não tem um resultado imediato, ele vem conforme as crianças crescem, é um resultado mais prolongado”.



O palhaço Tucupi e suas crianças

É perceptível que o subversivo Palhaço transforma não apenas os artistas em potentes cômicos e ajude em sua exposição e os recoloca em foco, mas além disso capacita esses artistas para que, através de sua arte, revalorem os valores sociais estabelecidos, revigorando os adequados, revivendo os esquecidos e readaptando ou, simplesmente descartando, os já antiquados. A natureza subversiva do palhaço ressalta a fragilidade do ser humano e os desejos de empoderar-se, criando livremente. O palhaço liberta o corpo dos moldes sociais de vestimenta e modos aprisionados de ser.

Para as comunidades ribeirinhas, a chance de criar, à partir do palhaço, é dar-lhes espaço fora de seu padrão normal de comportamento sem ter de confrontar-lhes diretamente com uma cultura que não é a sua e sim, abrindo a chance de libertar o corpo, rir daquilo que incomoda ou faz mal à comunidade de forma divertida. É fazer com que possam olhar com distância, pois o palhaço é marginal por natureza. E esse olhar abre espaço para análise e a análise da subjetividade coletiva ajuda na compreensão de suas estruturas, possibilitando a transformação da realidade. A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença; é imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e prejudicar ao mesmo tempo. Hei de ressaltar mais uma vez o papel educativo dessa figura cômica e subversiva que é o palhaço. No contexto de trabalho do PSA, o palhaço possui um papel ecológico, de transformação do ambiente e do contexto social, trazendo em si o colorido para a preservação cultural e ambiental.

Dessa forma trazemos à educação ambiental o papel do arte-educador com a vida na arte, que educa pela vivência cumplicitária e, por sua linguagem universal, o palhaço é um educador em qualquer comunidade.

Preservação cultural e ambiental

Quando falamos da preservação ambiental ligada à preservação cultural estamos tratando da ligação homem-ambiente que existe. Essa relação, benéfica ou não, influencia diretamente o desejo ou não de permanência nele. O meio urbano pode tornar-se inabitável àquele sensível à poluição e com aversão ao trânsito. Assim como a comunidade ribeirinha pode ver-se inabitável àquele sensível à falta de recursos e baixo nível de qualidade de vida.

Dessa forma, melhorar a ocupação do ambiente pela ação social é garantir uma melhoria na relação homem-ambiente presente nas comunidades tornando seu *Eco* mais habitável. A Ecologia do processo de fixação dos povos da floresta está em ampliar as relações entre os ribeirinhos e seu ambiente, otimizando sua pesca, sua agricultura. Melhorando a condição da água e esgoto, limpando áreas de concentração de lixo, o que ameniza também a condição sanitária, o PSA cria vínculos estruturais entre a comunidade e o ambiente.

Existe o processo de eco-alfabetização, à partir do momento que ribeirinhos re-aprendem a ver o uso da água ou quando encenam conhecimentos sobre higiene bucal. Eles criam para sua comunidade uma nova linguagem na disseminação do conhecimento, a arte. Palhaços mocorongos dialogam entre si com humor para melhorar sua qualidade de vida. Enquanto cuidam também de sua saúde. Entra novamente a visão integradora para intervenções sociais: considerar das micro-relações(ribeirinhos entre si) às macro relações (ribeirinhos com a floresta). Um ciclo sustentável de relação ecológica.

O equilíbrio entre a saúde da comunidade e a qualidade de vida no ambiente são necessário à sobrevivência, assim complexa-se a visão de interação homem-ambiente. Com isso, podemos ressaltar a diferença transformadora que esse trabalho social possui. Pois, quando falávamos em educação ambiental, falávamos também em educação política e social. E acredito que os objetivos políticos estão inseridos amplamente, porém dentro de uma linguagem divertida e afetuosa, sem entraves burocráticos ou difíceis de serem apreendidos. É uma política de sensibilização. Uma vivência política sem a linguagem maçante, é uma ruptura com os próprios jeitos tradicionais de fazer política. É uma reapropriação da autogestão dos recursos,

é uma dinamização e transformação que abre portas para a tomada de decisões e para a participação social na gestão ambiental.

A Arte Educação do PSA

“Criança vamos alegre brincar lá no terreiro. Criança que nunca brinca é bicho doente feio” - PSA

Depois de demonstrar teoricamente o processo educativo com o qual o PSA trabalha, podemos ver empiricamente como ele se dá. Para tanto, reuni algumas músicas elaboradas juntamente com a comunidade que explicitam o caráter pedagógico e lúdico desse processo. As músicas do Circo Mocarongo, foram escritas em sua maioria por Chico Malta, um grande artista mocorongo. Logo, levam em si a cultura ribeirinha no ritmo, no jeito de falar e no conteúdo. Essas foram gravadas em processo coletivo e permanecem junto às comunidades a fim de mantê-las cantando sobre saúde, preservação e valorização comunitária. Educativas por seu conteúdo, as músicas não perdem em graça e são, realmente cativantes. Daremos um passeio pelo material produzido para e pelas comunidades ribeirinhas.

Circo Mocarongo (Chico Malta e Caetano)

“Vem com saúde,
Vem com Alegria
Que dessa turma você vai gostar
Entre na roda, balance os ossos
Solte o seu corpo, venha rebolar
O Circo Mocarongo
Tem uma turma que é de rachar
Essa turminha é de Saúde e Alegria
Dessa turminha você vai gostar
Aqui Saúde, tem.
Tem produção também
Quem comunica se educa muito bem
Tem juventude, tem
E a criançada vem
Entre na roda, vem brincar você também

Vem as mulheres, vem
Os homens vêm meu bem
Comunidade vem brincar você também.”

Essa música, tema do Circo Mocarongo consegue, com alegria, chamar a todos da comunidade: jovens, crianças, homens e mulheres. A música pede que liberem-se os corpos e que, e que estes venham participar sem constrangimento; o circo convida e mostra-se aberto e divertido. Os três pontos chaves são a Saúde, a Alegria e a Comunicação, tudo em volta da brincadeira de roda, de dança. Quando o circo chama, ele chama a comunidade para fazer parte da turma de Saúde e Alegria, ele não faz propaganda de si, ele pede a participação popular.

Brega do Cloro (Chico Malta)

“Eu sei que você anda me evitando
Eu sei que achas que vives sem mim
Mas sei que quando vem a diarreia
Você se desespera,
Então pensas em mim
Talvez você ainda não entendeu
Que após lavar bem seu pote
Se for 10 litros coloque
20 gotas meu bem
Ao encher
Não esqueça da mexidinha
Espere só meia horinha
Pra poder então beber
Use cloro na água...
Duas gotas por litro...
Meia hora depois....
E já pode beber”

Essa música é uma das que representa com louvor a possibilidade de integrarmos a arte no processo educativo, pois é divertida e causa até estranhamento e risos por cantar a diarreia.

Porém, ela não deixa de ser uma receita caseira de saúde; ela ensina a importância de utilizar o cloro na água para que se evite diversas doenças, causadas por contaminação. Essa canção tem um ritmo muito divertido e é possível imaginar palhaços cantando no circo, com grandes baldes e cloro, passando a receita adiante sob gargalhadas da platéia. Está aí também a preocupação do PSA com a saúde comunitária independentemente da medicina tradicional. Almeja-se com essa música ensiná-los e prevenir-se, a reconhecer a real importância do cuidado com a água. Para um povo que vive nas margens dos rios, a importância da saúde da água é incalculável.

Pó da Macaxeira (Chico Malta)

“No pó da macaxeira vitamina “A”

Uma boa quantidade

Na sombra deixe secar

Pilar, pilar, pilão, passe no crivo

A folha da macaxeira

Ferro que pó vai virar

Ferro que pó vai virar da macaxeira

Ferro que pó vai virar macaxeira

Rico em proteínas

Em qualquer alimentação

Combate a anemia

Destrói a desnutrição

Desenvolve o organismo

Dá mais disposição

No trabalho, na escola

Saúde pó vai virar

Saúde pó vai virar da macaxeira

Saúde pó vai virar macaxeira.

O Pó da Macaxeira é uma música muito popular, até porque no PSA existe a Palhaça Macaxeira, uma das responsáveis pelo processo de arte-educação. Essa música é a referência para o processo educativo, pois fala-se em nutrientes em vitaminas não de uma forma científica elaborada e sim, exalta as qualidades da macaxeira, a mandioca que é um dos

alimentos mais comuns entre os ribeirinhos. Com essa música ressalta-se a importância de uma boa alimentação, de manter-se a tradição de fazer a farinha de mandioca. Mantê-la na alimentação. Essa noção de alimentação como base da saúde é a passagem de informação. Portanto os médicos preocupam-se com a saúde, apesar de terem as ferramentas para remediá-la sempre. Aqui dá-se a preservação cultural também, já que a importância da macaxeira remete a uma permanência de hábitos e de uma preocupação com uma alimentação natural, para que essa não seja substituída por alimentos industrializados ou perca sua relevância na saúde ribeirinha. Outro exemplo de saúde via alimentação é a da casca do ovo:

Pó da casca do ovo (Chico Malta)

“Pegue a casca do ovo
Não jogue fora ele, não
Nele contém o cálcio
Bom demais pra formação
Fortalece os ossos, dentes e a gestação
Pó da casca do ovo, ovo
Vamos lavar
Depois torrar
Passar na peneira e peneirar”.

Quando pensaríamos em cantar sobre a casca do ovo? Sim, eles pensaram e, se pensarmos bem é muito relevante. Não só para crianças aprenderem sobre a qualidade dos alimentos mais comuns em sua alimentação, mas para informar adultos, mães e pais. Essa criatividade é admirável, pois não deixa de ser produção de arte, e material que não se esquece. Ao cantar o processo de peneirar a casca do ovo por sua importância, as pessoas assimilam a informação de uma forma fantástica: gostosa. Assim, a educação está implícita na reutilização de supostos “resíduos”, está na preocupação com a alimentação, com a saúde do corpo, além de estimular o trabalho manual de preparação dessa farinha rica em cálcio.

Camisinha (Chico Malta, Edson, Cleide e Marquinho)

“Quando você transar
Quando você transar

Use a camisinha
Pra AIDS não pegar
Só assim você garante
A saúde do seu corpo
Tá na vida não é bobo
De curtir sem prevenir”

Essa canção é uma das que considero eficientes do ponto de vista educativo, pois trata de um assunto delicado, que é sobre doenças sexualmente transmissíveis abertamente colocando uma solução simples: a camisinha. A diferença do conteúdo dessa música é sua naturalidade ao tratar de sexo, sem inibir qualquer comportamento social e sem muitos floreios. Ela passa a mensagem naturalmente: aproveite, porém previna-se das doenças, garantindo a saúde do seu corpo. É uma forma de informar homens e mulheres sobre assuntos comuns a ambos. A música não faz distinção, ela dá um conselho.

Nas comunidades ribeirinhas a expansão das doenças sexualmente transmissíveis tem sido imensa e chega-se a perspectivas amedontradoras para o número de afetados. Porém, é a falta de informação em relações as formas de prevenção e dispersão dessas doenças que permitem que as DST's ganhem tamanha dimensão. Existem casos de crianças grávidas e já portadoras de AIDS, sífilis ou outras doenças incuráveis. Portanto, a simplicidade dessa música faz parte de um contexto muito sério de problemas de saúde. Embora não deixe de ser um momento de divertimento para tratar do assunto com calma e sem medo.

A forma cíclica e cativante da música torna-a memorizável e é indiscutível o efeito que causa nas pessoas quando é tocada. Não deixa de ser uma forma de falar abertamente e com delicadeza sobre a saúde comunitária. Assim como essa, outras músicas fazem o papel educativo com criatividade inteligente.

Amamentação (Chico Malta)

“Me dá mamãe, me dá mamãe
Me dá o leite do peito
O leite, o leite eu quero mamar
Mas só se for leite do peito
O leite do peito é vida, mamãe

Me deixa mais forte pra me proteger
Meu corpinho da desnutrição
Não existe, mamãe, leite fraco, não
Quanto mais eu sugo mais ele produz
O leite certo pra eu mamar
Crianças que mamam no peito, mamãe
Já tem seu leitinho prontinho mamãe
Que é melhor pra sua digestão
Dá leite do peito é carinho mamãe
Saúde e alegria, muita emoção
Na hora da amamentação
O leite colostro é bom eu mamar,
Pois ele protege, mamãe, d'eu ficar
Dódói, dódói, oh! Mamãe
Eu crio anticorpos
Que não vão deixar
Diarréia, sarampo, pneumonia pegar.”

A música da amamentação faz parte de um resgate cultural muito necessário, visando a importância do leite materno na amamentação. Muitas mulheres optam por não amamentar ou diminuem a importância dessa alimentação primordial para a saúde das crianças. A canção vai ao encontro das mães em um apelo cantando por uma voz de criança que pede pelo leite.

De forma simples e divertida, a criança ressalta a importância do colostro, da saúde da criança e dá mãe, reforçando a idéia de que não existe leite ruim ou fraco, ele é perfeito, simplesmente. Essa música faz campanha educativa pela maior atenção à saúde infantil, evitando problemas de desnutrição, doenças e outros. Aquele monte de problemas que o PSA atende no Abaré. Diminuindo as incidências desses problemas, que muitas vezes são de simples remediação, a saúde transforma-se em processo contínuo, já que fica evidente a conexão entre a alimentação infantil e a saúde das crianças e da relação dessas com suas mães.

Essa música é ecológico por fazer o retorno do olhar para práticas naturais, que conectam os sujeitos (mãe e filho) e valorizam o corpo humano como fonte de saúde, abdicando de outras

fontes de alimentação desnecessárias e, até muitas vezes, prejudicial. Dessa forma a música fortalece a amamentação das mulheres e influencia as crianças que cantam o pedido.

As próximas músicas aproximam-se muito mais da educação ambiental explícita, por tratarem de assuntos diretamente relacionados com o ambiente. É o exemplo da “queimada controlada”:

Queimada controlada (Chico Malta)

“Toda queimada segura, comadre só controlada
Deve saber qual a área, compadre, a ser limpada
Faça o aceiro cumpade, não deixe o fogo avançar
Limpe, raspe bem a terra, cumpade, não deixe incêndio virar
Ela é tão linda, boa de plantar
Mas só queimando, cumpade, diz seu Pedrão
Que empobrece toda a terra e nada produz, mais aqui nesse chão
Mas quando fores, leve a mulher, o filho e o vizinho
Mas nunca se arrisque, cumpade, sozinho
Leva sempre alguém para lhe acompanhar
Porque, cumpade, ocê sabe que fogo a gente não brinca
Se vira incêndio, então, toda vida que vive na mata pode acabar”

O hábito de produzir queimadas faz parte da cultura ribeirinha. Muitas vezes os roçados e capoeiras são queimados para suportar a plantação, ou manejá-la. Porém, existe ainda outra questão que envolve o lixo. Com o aumento da produção de lixo industrial nas comunidades, ampliou-se a prática de queimar os resíduos. Isso prejudica não só a poluição do ar como também a do solo e dos quintais. Dessa forma, a queimada entra como um tema relevante no processo educativo do PSA.

A música adverte sobre os riscos das queimadas para a saúde individual, recomendando com graça que as pessoas não realizem essa atividade sozinhos e que, principalmente, controlem o fogo. Ao meu ver, a maior importância educativa da música está em dizer que as queimadas empobrecem o solo, sendo prejudiciais para a terra fértil e boa de plantar. Dessa forma os ribeirinhos podem conscientizar-se dos riscos não só para a saúde do corpo, mas para a do meio, o que os leva a um ponto de partida para a criação de novas práticas.

Frutificar (Chico Malta)

“Frutificar a vida, frutificar o pão
Quem planta dá comida
Colhe, come em mutirão
Fortifica a saúde, alegria ao sorrir
Coragem no trabalho
Ajude a semente a florir
Plantano bananinha,
Uichi e achua
Melão e melancia,
Murici e mucajá
Limão e tangerina,
Cajú e pajurá
Colhendo amarelinhas
No panela a cantar
Somos gentes, somos fortes
Vamos todos semear
Da semente nasce fruta
Da fruta, FRUTIFICAR”

Essa música não propõe novas práticas e sim o resgate das práticas tradicionais. Trazendo consigo todos os frutos típicos da amazônia, encontrados na maioria das plantações, o PSA está motivando o cultivo de plantas alimentícias pelos próprios ribeirinhos, dando a elas a maior importância para a saúde individual e coletiva. Incentivando a coragem no trabalho, essa música tende a revalorizar os produtos naturais e orgânicos que, aos poucos, vão sendo substituídos pela alimentação industrial urbana. O consumo de produtos “importados” não agrega em nada na saúde do povo ribeirinho, além de ser mais custoso e menos vantajoso financeiramente. Assim, juntos tomando conta da produção de alimentos, a comunidade come em mutirão, alimenta-se, frutifica-se. Uma bela analogia sobre a importância com o cuidado com o ambiente, com as plantas e com a saúde alimentação e da cultura tradicional do roçado e da subsistência, típicos das populações tradicionais.

Rebulixo (Chico Malta)

“Oh! Minha gente mas que legal
Saber que o adubo
Está no seu quintal (bis)
Nas folhas secas
Que caem no chão
Existe um lixo que é alimentação
E dá mais vida a sua plantação (bis)
É o lixinho, não é o lixo
É o lixinho que é o adubo
Meu irmão (bis)
Rebulixo, rebola o lixo
Pra separar
O lixinho do lixo (bis)

Rebulixo é uma brincadeira muito legal, pois faz a separação do lixo em dois tipos básicos, o lixinho e o lixo. Foi uma forma de categorizar o lixo em uma linguagem acessível aos ribeirinhos que não possuem informação sobre essas diferenças principais. O lixinho, ou lixo orgânico é o adubo do quintal, são os restos de comida, são as folhas que caem, são o lixo natural que vira adubo e ajuda na plantação. Ajuda na frutificação. Assim, o PSA vira os olhares para a importância de separar o lixinho do lixo e, subjetivamente, atribuindo qualidades para o lixinho este torna-se parte da cultura mais uma vez, reforçando a adubação natural. O lixo, por sua vez, deve ser separado e armazenado de forma apropriada.

As Plantas Medicinais (Chico Malta)

“As plantas medicinais, minha gente, tem o seu valor
Pois socorrem a necessidade, minha gente, do povo na dor
Se você é muito nervoso, minha gente, e não pode se consultar
Tome seu chá de erva cidreira, minha gente, que o sistema vai melhorar
Coração é uma máquina, minha gente, que trabalha bem ligeira
O grande lubrificante, minha gente, é a folha da laranja
As vermes são perigosas, minha gente, você pode se livrar

O mastruz perto dela, minha gente, tudo vai modificar
Nós temos uma farmácia, minha gente, lá no fundo do quintal
Seus remédios curam tudo, minha gente, e é muito natural.
Não gastamos o dinheiro, minha gente, isso sim é que é legal
Use remédios caseiros, minha gente, que é melhor e não faz mal”

As plantas medicinais chegam na questão básica do meu trabalho. Juntando o conhecimento tradicional de medicina o PSA estimula, pela arte, a cultura ribeirinha. Nessa música percebe-se que, se o trabalho médico fosse o objetivo maior do PSA, por qual motivo eles incentivariam as curas naturais. É vendo a importância dada para o conhecimento tradicional com tal beleza é que compreende-se de que forma o PSA conecta-se com as comunidades; uma relação afetiva. Essa música canta a beleza e facilidade dos remédios caseiros que não fazem mal, o que deixa subentendido que outras formas de medicação podem ser prejudiciais. Vejo essa música como um retorno à cultura ribeirinha que submeteu-se aos cuidados da medicina convencional que promoveu mudanças.

Essa música retoma a importância das plantas medicinais, pois sem os ribeirinhos ficam à mercê de cuidados alheios, perdendo o cuidado próprio. Assim é também uma forma de valorizar o conhecimento próprio deles, suas plantas, sua sabedoria ambiental. Percebe-se também que a valorização parte de quem possui os recursos da outra medicina o que dá ainda mais suporte para que os próprios ribeirinhos enxerguem seus quintais como seus hospitais. Voltamos mais uma vez ao fortalecimento cultural, preservação cultural e ambiental, além de um manejo ecológico dos recursos.

Possuir uma farmácia no quintal possibilita uma desvinculação da farmácia da cidade, dá-se valor à proximidade, ao contato. Ao cuidar de si.

Agenda 21 (Magnólio e Chico Malta com colaboração de Caetano, Pimenta e Sassá)

“Vem construir, a felicidade, mano
Fazer daqui, uma feliz cidade, mano
Fazer do amor a inspiração
Sentir lá dentro o prazer de ser cidadão
Você é demais
Você é um a mais, mano
Nós somos iguais

Nós dois somos um na Agenda 21
Bote para fora sua idéia depressa
Chame sua turma, entre que é bom a beça
Pense um pouquinho nessa condição
Vem ser cidadão na Agenda 21
Faça seu grupo de qualquer idade
Junte-se ao povo, toda sociedade
Mostre que sabe fazer parceria pra Agenda 21”

Por fim chegamos na educação ambiental propriamente dita do PSA. O projeto está integrado com os programas externos as comunidades, como a Agenda 21, o estatuto da criança e do adolescente e outros. Esse contato os estimula a tentar implementá-los nas comunidades, visando a proteção ambiental e a formação de sujeitos críticos. Como a própria música diz, ser cidadão é um prazer. Porém a chave da música está em ressaltar que todos tem importância e importância equivalente. Todos são necessários para a implementação de um projeto social que irá beneficiar a todos. Essa é a chamada para a discussão dos temas aprofundados no trabalho de arte educação do Saúde e Alegria.

Considerações finais

O final desse trabalho não poderia ter alguma conclusão, pois trata-se de uma experiência tida pelo pesquisador em relação ao seu objeto de estudo e essa estará em constante transformação em relação à sensibilidade e percepção ao longo do tempo. Apesar de constarem inúmeras reflexões, essas são a base para novas pesquisas que também, por sua vez, não serão conclusivas, serão parte do processo continuado de absorção de conhecimento, do enriquecimento filosófico-científico dos pesquisadores cartográficos. Considero, portanto, estas como considerações iniciais.

Por essas razões, esse fechamento metafórico do trabalho tem o objetivo de esclarecer meus pareceres em relação a Arte como ferramenta de transformação dentro da educação ambiental de uma Nova Ecologia. Essas considerações deram-se a partir de todo processo reflexivo que esta presente pesquisa gerou e, cabem como pensamentos delineadores de novos olhares. São, na realidade, parte de mim, para o leitor.

A Ecologia, a Arte e a Educação: novos caminhos “re-saberizados”

As transformações ambientais dependem da transformação de um conjunto de processos sociais que determinarão as formas de apropriação da natureza e a participação social na gestão dos recursos ambientais. Dessa forma, negamos a possibilidade da inércia humana para prestarmos atenção ao movimento do corpo social humano que já visa conseguir transformações em busca de uma nova sociedade e nova relação entre homem e ambiente e também entre seres humanos. Assim, o vínculo sociedade-natureza precisa se compreendido como relação dinâmica, dependente de articulação histórica cultural, que especificam as relações sociais de produção de uma sociedade. Essa pesquisa buscou observar um projeto de articulação histórica que trabalha com formação socioeconômica de populações tradicionais, porém dentro de uma perspectiva de desenvolvimento integrado. E aí está o ponto chave, entender as relações positivas já existentes, a fim de constantemente reinventá-las, aproveitando suas qualidades e perpetuando a articulação de resistência ao paradigma dominante que demonstra inércia frente as condições ambientais (nas quais as sociedades humanas então integradas) de inequlíbrio.

Nos atentamos, portanto, a um contexto de atuação e a uma realidade ambiental, localizada na Amazônia, na beira dos rios junto aos ribeirinhos, pois não é possível criarmos um ideal ambiental geral, inibindo as características específicas de cada região e de cada cultura, senão estaríamos novamente olhando para os sistemas humanos e naturais de forma simplificada e linear. A consciência ambiental constitui-se em condições culturais, geográficas, políticas e econômicas específicas, logo deve garantir o equilíbrio específico de cada ambiente; um olhar integrador capaz de perceber as condições próprias de cada região.

No nosso caso, tratamos de populações tradicionais, vinculadas à natureza de uma forma muito mais profunda e direta do que nossa sociedade. Pessoas cujo saber tradicional e a cultura oral ainda prevalecem, e dessa forma possuem também características “perdidas” pela ciência tradicional. Esse contato, com valores tradicionais também nos são caros, pois nos remetem a uma tradição de equilíbrio social e ambiental por nós há muito perdido. E, assim como o desenvolvimento de novas ciências e novos olhares ecológicos implicam em revoluções, o resgate cultural não pode ser visto como um retrocesso, mas um avanço, no qual voltamos a entender as relações socioambientais vividade pela humanidade, reaproveitando aquelas apropriadas para uma relação harmoniosa e equilibrada e descartamos as desarmonicas e exploratórias. Atuar junto a comunidades tradicionais é perceber comportamentos sociais e tradições perdidos, desconsiderados e, muitas vezes substituídos por outros não benéficos à estrutura social.

Com isso podemos dizer que a articulação de conhecimentos diversos de populações tradicionais e de diferentes ramos da ciência, constituem uma reavaliação da criação do conhecimento, da forma com que buscamos aprender e transformar o mundo. É permitido realizar mudanças sem renunciar também ao já conquistado pela ciência atual.

Com base nesse pensamento, podemos abrir possibilidades de interpretação e leituras de mundo, como essa, que possam ser utilizadas na busca de transformação – e não inércia- de nossas relações ambientais e sociais. Para buscar o equilíbrio nas relações homem natureza, é preciso melhorar a gestão dos recursos naturais e a qualidade de vida das populações e, através disso, compreender as relações atuais de organização social, para atender às suas demandas especiais.

Assim, acredito que resgates culturais em trabalhos sociais devam constituir-se como interação entre pontos de vistas e noções de saberes sociais e ambientais. Unir-se às populações tradicionais promove uma renovação do olhar e uma maior proximidade cultural, que garante uma diminuição de conflitos ideológicos próprios de nossa realidade. Intercâmbios conceituais possuem efeitos positivos entre disciplinas científicas, e a

internalização do saber ambiental pode contribuir na compreensão e melhoria da articulação dos processos ecossistêmicos, geográficos, econômicos, culturais e sociais, característicos da problemática ambiental.

Com isso, trabalhos que envolvam uma articulação entre saberes promovem uma valorização dos sujeitos, assim como, paradoxalmente, promovem também um des-sujeitamento: estes processos caracterizam a possibilidade de resignificação dos processos. Assim dá-se uma contra-identificação com os saberes legitimados criam-se condições que induzem novos conhecimentos, capazes de gerar novos projetos de civilização, novos estilos de vida; um desenvolvimento. Voltamos ao início, à educação ambiental.

Assim, marcamos um distanciamento da ciência neutra, do descarte do senso comum e do saber ambiental, construímos terrenos férteis para semadura do saber ambiental. Marcamos uma ruptura: um desvínculo com o poder imposto pelo conhecimento e uma reconstrução do mesmo e das identidades sociais, pela interdisciplinariedade dialogamos com novos saberes, abrimos o futuro à novidade da recriação.

Saúde e ambiente:

“Tensão e elasticidade são duas forças complementares que devem estar presentes no corpo e no espírito. Quando faltam ao corpo, têm-se os acidentes, as doenças; quando ausentes no espírito, tem-se a loucura. O corpo é risível quando se torna rígido e se manifesta um desvio adquirido, que inconscientemente se conserva. –
(BOLOGNESI, 2003)

A saúde do ambiente é a saúde das pessoas e vice-versa, portanto, com esse trabalho gostaria de não só evidenciar mais uma vez essa correlação, como também ressaltar outras tão relevantes quanto.

Ao analisarmos a atuação do “Saúde e Alegria” percebemos quão vinculados estavam a saúde dos ribeirinhos com a preservação de seu modo de vida tradicional que, sem apoio ou atendimento, tenderia a erradicar-se, a migrar para as cidades ou definhava por razões de saúde e tratamento de água e de outras condições ambientais. Portanto, saúde e ambiente estavam relacionados. Porém a saúde com a qualidade de vida é outra relação inegável, assim como a preservação cultural via valorização da cultura. Por fim, a saúde em seu sentido mais amplo deve ser estendida a todos os fatores culturais e ambientais para que se estabeleça um real equilíbrio ecológico. Dessa forma, a saúde deve possuir um caráter abrangente de atuação. A separação do corpo da alma, do corpo e do ambiente e destes com a saúde, devem ser revalorizados, já que encontram-se em efeito dominó: um corpo doente (na mente e alma) não

pode contribuir para a saúde do ambiente e vice-versa. Assim, emprega-se uma visão ecológica para a saúde.

Volta-se mais uma vez ao estímulo da saúde ribeirinha via preservação e valorização cultural, das práticas medicinais tradicionais aliadas aos saberes científicos contidos no trabalho do PSA: cuidados com doenças, prevenção, tratamento de água e de esgoto. Assim, a relação não inibe a saúde pré-existente nas comunidades, dá relevância à novas práticas – reformulações e transformações – e remedia os problemas existentes.

Assim a busca por uma saúde ecológica das relações socio-ambientais, se constitui.

Educação ambiental e arte

Volto a reforçar que a busca do equilíbrio ecológico necessita de ferramentas de implementação processuais. Sim, pois só o processo transformador é capaz de arraigar novas práticas. Assim, essas ferramentas devem encontrar-se e dialogar com a sociedade. Dessa forma, a linguagem não deve ser violenta ou impositiva, ela deve estimular os corpos a refletirem sobre as questões, próprias de seu contexto, influenciando assim, as mudanças.

A educação ambiental é a proposta pedagógica de atuar na construção dos saberes ambientais e das relações socio-ambientais, porém, em si mesma ela pode não ser efetiva ou assimilada. Aí entra a Arte transformadora.

A arte como expressão da essência humana não é produto, ela é processo, pois o artista não é constante e sim dinâmico, como os sistemas naturais e sociais. A expressão humana dá-se conforme as pressões externas ao corpo suscitam conflitos, reflexões e criações e essas pressões também estão em constante transfiguração. A arte é própria do indivíduo, como de um contexto cultural e histórico e por isso diferenciam-se entre si. Para entender a arte é preciso entender essas diferenças.

Assim, a Arte como expressão individual e característica de um contexto, de um indivíduo ou de um grupo de sujeitos, caracteriza a exploração dos potenciais individuais, nos quais essa expressão da essência não é moldada pela noção de arte e sim por seu potencial transformador. Aliada à uma educação que motive essas expressões, ela pode tornar-se uma vivência pedagógica.

A educação ambiental entra com os conceitos e a Arte com a sensibilização, permitindo aos sujeitos que expressem-se e, a partir dessa expressão, percebam as pressões de seu meio em si mesmos, partindo da reflexão à ação.

No caso dessa pesquisa, a arte é utilizada na vivência pedagógica para os ribeirinhos. O PSA, entendendo as relações estruturais e ambientais daquelas populações se mune de ferramentas para explorar as expressões daquelas pessoas em conflito. E, conseguem também, expressar suas preocupações em relação à saúde e qualidade de vida dos ribeirinhos também pela arte.

A linguagem artística permite uma atuação não invasiva culturalmente, pois permite a expressão própria dos indivíduos em processo de des-sujeitamento. Ela garante uma valorização do eu individual e coletivo quando nomeia a todos como membros de fundamental importância e de qualidade de artistas. Um ribeirinho, quando vê-se considerado um criador de arte, revaloriza-se como um e dentro de sua comunidade.

Essa valorização do potencial artístico ajuda na saúde intelectual e coletiva da comunidade e, conseqüentemente, do meio ambiente.

A sensibilização educativa é uma forma de educação de grande impacto. Denomino-a de sensibilização, pois quando tratamos de lidar com a subjetividade, a libertação dos corpos e a liberdade de expressão individual e coletiva, estamos lidando não com o racional, mas com o emocional e sensitivo de uma sociedade. Uma comunidade sensitivamente aberta, abre espaços para novas idéias. Liberta-se.

Processos participativos, como o do PSA que unem agentes e educandos em projeto comum e em vínculos afetivos, tendem a ser processos continuados já que o vínculo e o comprometimento perpetuam-se com a motivação e o estímulo. Além disso, a arte que libera o sensitivo, libera também a criatividade e o processo criativo não se extingue.

No caso do PSA, colocar os ribeirinhos no palco é dar-lhes voz, porém pedindo também atenção na cumplicidade com o público. E, nesse comprometimento mútuo, faz-se o ensino.

A Arte educação pode entrar na metodologia da transformação ecológica da sociedade, já que permite visualizarmos novas relações socio-ambientais ao evidenciar os conflitos amontoados dentro do inconsciente individual e coletivo. Ao meu ver, isso é percebido no trabalho de atuação do PSA.

Nesse quesito, a arte educação ambiental é mais fundamental ainda quando lidamos com populações tradicionais que não estão integradas na linguagem de nossa sociedade dominante. Assim, a arte de unir culturas exige uma linguagem própria e não invasiva e essa é a arte. A expressão humana é compreensível quando simbólica e não quando impositiva. Não é possível falarmos todos a mesma língua, mas é possível compreendermo-nos artisticamente.

Com isso gostaria de relevar a arte-educação ambiental para preservação de culturas tradicionais, já que essas demandam um contato diferente, com uma linguagem comum a nós

e a eles. Distanciada da exploração e imposições culturais já observados historicamente. Se buscamos o equilíbrio, devemos, sobretudo, exercê-lo.

Papel ecológico do Palhaço

Termino, pois, com a figura que é comum a mim e aos ribeirinhos dentro desse encontro de culturas, o Palhaço.

Acredito que dentro de todas as reflexões acima, o Palhaço compreende as noções transformadoras à partir da sensibilidade. É um ser, fora das máscaras sociais, cuja linguagem é comum a todos.

O Palhaço permite vivenciar o grotesco, o conflito, o bizarro e o ingênuo dentro de um corpo só, constituindo um corpo artístico que expressa-se em roupas, maquiagens: ele é a própria expressão. Digo isso pois o palhaço atua com graça dentro do ambiente, nas ruas e nos palcos, sempre estimulando o riso. O riso que busca a cumplicidade e a transformação.

O palhaço por sua característica de marginal, lhe dão liberdade subversiva ao exagerar o homem padronizado e inconsciente de seu poder. O palhaço estimula, pelo riso, o cômico do ser humano. Para o processo pedagógico, um Professor palhaço que está acostumado ao erro e ao trágico, permite aos seus alunos um olhar menos tenso em relação ao erro, estimulando a graça do tentar, inibindo a repressão às falhas, pois o falho palhaço também erra.

O palhaço é o estímulo do raciocínio social criativo, é a incorporação da arte no corpo. É a expressão do corpo sob pressão. É também válvula de escape e de transmissão da beleza da arte na vida.

Assim o palhaço preserva a vulnerabilidade humana, necessária para o processo de sensibilização e transformação, pela valorização do eu sensível.

O palhaço é e deve ser, um educador ambiental.

Os ribeirinhos para preservação da Amazônia

Esse trabalho visa mais do que qualquer coisa a importância ecológica dos saberes tradicionais. O conhecimento das comunidades ribeirinhas sobre os aspectos ecológicos é frequentemente negligenciado. É preciso saber reconhecer o saber tradicional como tão bom e desenvolvido quanto o científico, senão estamos sendo preconceituosos e duelando por religiões distintas. Os saberes são saberes.

Acredito que atender as comunidades tradicionais em suas necessidades básicas de saúde, moradia, lazer e alimentação é um dever nosso como sociedade humana, apesar de todas as diferenças sócio-culturais envolvidas. Porém, é valioso reconhecer que nas urgências ambientais percebidas hoje, essa cultura pode nos ajudar a resgatar um modo de vida mais harmonioso e mais coletivo.

Assim, unir a arte com a tradição, processo que formou o circo, com o saber tradicional, que nos garantem nossas populações é munir-se de ferramentas transformadoras.

É preciso, pois, que o circo não se acabe. Que o vínculo do PSA com os ribeirinhos mantenha-se afetuosos e com caráter libertador. É necessário que o processo mantenha-se sob bases ideológicas fortes e concisas e que a releitura da realidade dinâmica mantenha os olhares ativos e abrangentes, esquecendo a simplificação e mantendo a criatividade.

Termino novamente citando Charles Chaplin, dizendo que sou um palhaço, o que me leva mais alto do que qualquer político.

Referências Bibliográficas

- AMOROZO, M. C. de M.** 1996. Abordagem etnobotânica na Pesquisa de Plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org). Plantas medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar. São Paulo. EDUSP. p. 47-68.
- ARAÚJO, M. A. M.** 1998. *Das ervas medicinais à fitoterapia: encontros e desencontros entre as lógicas biomédica e popular.* São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).
- BERGSON, H.** *O riso: ensaio sobre a significação do cômico.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.
- BOLOGNESI, M. F.** *Palhaços.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- CAPRA, F.** *Alfabetização Ecológica.* São Paulo: Cultrix, 2006.
- CAPRA, F.** *As conexões ocultas, ciência para uma vida sustentável.* São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- CARVALHO, I.** *A invenção ecológica.* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- CLOVES, S. C.P.** et al. *A coleta de produtos florestais nas comunidades da área de atuação do piatam.* IN: FRAXE, T.J.P. et al. *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.* Manaus: EDUA, 2007.
- ELISABETSKY, E.** 2002. *Etnofarmacologia como ferramenta na busca de substâncias ativas*, In: **SIMÕES, C. M. O.** et al. *Farmacognosia: da planta ao medicamento.* 4.^a Edição. Porto Alegre / Florianópolis: Ed. Universidade/UFRGS/Ed. da UFSC. 91-103 p.
- EMPERAIRE, L.** *A floresta em jogo. O extrativismo na Amazônia Central.* São Paulo: Editora: UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2000.
- FRAXE, T.J.P.** et al. *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.* Manaus: EDUA, 2007.
- FILHO, R.R.F.** *Palhaço: subversivo por natureza.* Disponível em: <http://seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/view/751/687>
- FREIRE, P.** *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- HALLA, M.** *Planejamento participativo e valorização da cultura ribeirinha para o protagonismo local e a auto-gestão do ecoturismo de base comunitária no polo tapajós, pará.* Fortaleza, Ceará: Anais II Seminário Internacional de Turismo Sustentável, 2008.
- JACOBI, P.** *Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão.* In: CAVALCANTI, C. (Org.). *Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas.* São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- LEFF, E.** *A complexidade ambiental.* São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- LEFF, E.** *Epistemologia ambiental.* São Paulo: Cortez, 2001.
- LENÁ, P.** 1999. Novos atores sociais, desenvolvimento sustentável e organizações não governamentais. In: **BECKER, B. K.; MIRANDA, M.** (Org) *A geografia política do desenvolvimento sustentável.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ. p. 273-296.

MAGNANI, J.G.C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MENDONÇA, M.S. et al. *Etnobotânica e o saber tradicional*. In: **FRAXE, T.J.P.** et al. *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007.

MICHAELIS. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São paulo: editora Melhoramentos, 2009.

MORAN, E. F. The adaptive system of the Amazon. In: **WAGLEY, C.** (Org.) *Man in the Amazon*. Florida. University of Florida Press. p. 136-159. 2000

MORAN, E. F. 1990. *A Ecologia Humana das Populações da Amazônia*. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro.

ODUM, E. P. BARRETT, G. W. *Fundamentos de Ecologia*. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

PANTANO, A.A. *A personagem palhaço: a construção do sujeito*. Marília, 2001 – Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

PARMIGIANI, J. *A Arte como possível caminho para re-humanizar o Ser*. Disponível em: http://www.educadoressociais.com.br/artigos/a_arte_como_possivel.pdf

PRADO, D. De A. *O teatro romântico: a explosão de 1830*. In: **GUINSBURG, J.** (Org.) *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978. P.167-84

PRETREIRE JR, M. 1992. *As comunidades humanas ribeirinhas da Amazônia e suas transformações sociais*. In: **Diegues, A.C.** (Ed). *Populações humanas, rios e mares da Amazônia*. São Paulo. Anais do IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil. p. 31-68.

POPOV, O. *Mi heroe*. In: **LITOVSKI, A.** (Comp.) *El circo soviético*. Moscou: Progreso, 1975.

POSEY, D. A. “Introdução – Etnobiologia: teoria e prática”, “Etnoentomologia de tribos indígenas da Amazônia”, *manejo da floresta secundária; capoeiras, campos e cerrados (kayapo)*, 1987. In: RIBEIRO, B. (org). *SUMA etnológica brasileira etnobiologia*. Vol. 1. FINEP. Petrópolis: Vozes. 2.^a ed. p. 15-25.

REIGOTA, M. “O que é educação ambiental”. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTARCANGELLI, P. *Homo ridens*. Estética, filologia, psicologia, storia del comico. Firenze: Olschki, 1989.

SILVA, F. *O circo: sua arte e seus saberes*. O circo no Brasil do final do século XIX a meados do XX. Campinas, 1996. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

SILVA, I. A. (Org.) *Corpo e sentido: a escuta do sensível*. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

TORRES, A. *O circo no Brasil*. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.

SILVA, M.G. et al. *A “saúde” nas comunidades focais do projeto piatam: o etnoconhecimento e as plantas medicinais*. In: **FRAXE, T.J.P.** et al. *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007.

TOLEDO, V. M. 1992. What is Enthnoecology?: origins, scope and implications of a rising discipline. *Ethnoecologica*. V 1. p. 5-27.

TOZONI-REIS, M.F.C. *Educação ambiental: natureza, razão e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 (coleção educação contemporânea)

Laura Rodrigues Alves

Romualdo Dias

Prof. Luiz Gustavo Ferreira de Oliveira__